ANAIS DO I SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR DE PEQUENOS ANIMAIS (I SIMPA)

Almir Pereira de Souza
Sara Alves Santana
Taynara Graziela Matias dos Santos
Sabryna Abrantes da Silveira
Organizadores

Realização e apoio

Wissen editora
2025

ANAIS DO I SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR DE PEQUENOS ANIMAIS (I SIMPA)

Almir Pereira de Souza
Sara Alves Santana
Taynara Graziela Matias dos Santos
Sabryna Abrantes da Silveira
Organizadores

Realização e apoio

Wissen editora
2025

Organizadores

Almir Pereira de Souza
Sara Alves Santana
Taynara Graziela Matias dos Santos
Sabryna Abrantes da Silveira

ANAIS DO I SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR DE PEQUENOS ANIMAIS (I SIMPA)

Patos-PB
2025

©2025 *by* Wissen Editora
Copyright © Wissen Editora
Copyright do texto © 2025 Os autores
Copyright da edição © Wissen Editora
Todos os direitos reservados

Direitos para esta edição cedidos pelos autores à Wissen Editora.

Todo o conteúdo desta obra, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade do(s) autor(es). A obra de acesso aberto (Open Access) está protegida por Lei, sob Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional, sendo permitido seu *download* e compartilhamento, desde que atribuído o crédito aos autores, sem alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editores Chefe: Dr. Junielson Soares da Silva
Ma. Neyla Cristiane Rodrigues de Oliveira
Dra. Denise dos Santos Vila Verde
Dra. Adriana de Sousa Lima

Projeto Gráfico e Diagramação: Junielson Soares da Silva

Edição de Arte: Junielson Soares da Silva

Revisão: Os autores
As Organizadoras

Informações sobre a Editora
Wissen Editora
Homepage: www.editorawissen.com.br
Teresina – Piauí, Brasil
E-mails: contato@wisseneditora.com.br
wisseneditora@gmail.com

Siga nossas redes sociais:
@wisseneditora

ANAIS DO I SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR DE PEQUENOS ANIMAIS (I SIMPA)

EXPEDIENTE

Reitor da UFCG: Camilo Allyson Simões de Farias

Diretor do Centro de Saúde e Tecnologia Rural - CSTR: Wilson Wouflan Silva

Vice - Diretor: José Fábio Paulino de Moura

Coordenadora de curso: Verônica de Medeiros Trindade

ORGANIZAÇÃO:

Liga Acadêmica de Animais de Companhia (LAAC)

Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR)

Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV)

Câmpus Patos, Paraíba

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Programa de Pós-graduação Em Ciência e Saúde Animal (PPG-CSA)

MEMBROS DA LIGA ACADÊMICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA (LAAC)

Orientador: Prof. Dr. Almir Pereira de Souza
Presidente: Sara Alves Santana
Vice-presidente: Taynara Graziela Matias dos Santos
Diretora do Científico: Sabryna Abrantes da Silveira
Diretora do Marketing: Anna Jamily Silva Ramalho Martins
Diretora do Marketing: Maria Clara Vieira de Medeiros
Diretora financeira: Kamila Ellen da Silva

Membros: Anna Maria da Silva Morais
Beatriz Eduarda de Sousa Bandeira
Clara de Oliveira Lôbo
Ellen Lynnaiara Ribeiro da Silva
Heloísa Goés de Araújo Medeiros
Kennedy Ceres Sousa Lima
Letícia Diniz Bezerra Régis
Pedro Henrique Araújo da Silva
Vitória Evylin Vieira dos Santos

COMISSÃO CIENTÍFICA:

APOIO: Programa de Pós-graduação Em Ciência e Saúde Animal (PPG-CSA)

Membros da Comissão Científica:

Basílio Felizardo de Lima Neto – Clínica Médica
Miriã Mamede Noronha de Souza – Clínica Médica
Lais Caroline Gomes Ramos – Clínica Médica
Marcio Philip Andrade Correia – Clínica Médica
Ana Caroline Dantas de Amorim – Patologia Clínica
Márcio Eduardo de Melo Benvenutti – Patologia Clínica
Karla Vanessa Cunha de Araújo – Anestesiologia Veterinária
Rafaela de Araújo Medeiros – Anestesiologia Veterinária
Dalanio Gomes Soares– Anestesiologia Veterinária
Mariana Mendonça Macikio – Cirurgia de Pequenos Animais
Severino Irlândeson da Silva– Cirurgia de Pequenos Animais
Maria Emília Ferreira de Azevedo – Diagnóstico por Imagem
Daniel Oliveira Macêdo – Diagnóstico por Imagem
Maria Eduarda Araújo Moura – Diagnóstico por Imagem
Dlean Da Silva Garcia – Patologia Animal
Laynaslan Abreu Soares – Patologia Animal

COMISSÃO DE SUBMISSÕES

Membros

Sabryna Abrantes da Silveira
Guilherme Lins de Medeiros (voluntário)
Luan Bruno Granja (voluntário)
Marcos Roberto Dantas de Souza Filho (voluntário)
Diogo Mendes Pereira (voluntário)
Yasmin da Silva Oliveira (voluntário)
Vitória Tereza André Lima (voluntário)

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

DIA 10 DE JULHO

MESA REDONDA: Dificuldades e empecilhos na triagem de animais na clínica médica de cães e gatos
Ministrantes: Prof. Dr. Almir Pereira de Souza, Maria Gabriela de Sousa Ernesto, Maria Eduarda de França, Aline Vieira de Melo.

DIA 11 DE JULHO

TEMA: O paciente está em cetoacidose diabética, e agora?
PALESTRANTE: M.V. MsC. Amanda Resende Duarte

TEMA: Coceira além da alergia
PALESTRANTE: M.V. Cristiane Soares de Freitas Barbosa

TEMA: A importância do diagnóstico laboratorial em cães com leishmaniose visceral
PALESTRANTE: M.V. Dra. Gilzane Dantas Nóbrega

TEMA: Abordagem do paciente crítico
PALESTRANTE: M.V. Dr. Warley Gomes dos Santos

TEMA: Dirofilariose: por que ainda erramos tanto?
PALESTRANTE: M.V. MsC. Ermano Lucena de Oliveira

DIA 12 DE JULHO

TEMA: Esporotricose óssea em cães e gatos
PALESTRANTE: M.V. Severino Irlândeson da Silva

TEMA: Afecções torácicas - Ultrassonografia vs radiografia: qual exame realizar?
PALESTRANTE: M.V. Maria Emília Ferreira de Azevedo

TEMA: O papel da terapia transfusional na urgência e emergência veterinária
PALESTRANTE: M.V. Laís Caroline Gomes Ramos

TEMA: Úlceras de córnea em braquicefálicos: principais fatores de insucesso no tratamento.
PALESTRANTE: M.V. Dra. Karla Priscila Garrido Bezerra

TEMA: Os principais cuidados em neonatos de cães e gatos: uma abordagem clínica.
PALESTRANTE: M.V. Dr. Thiago da Silva Brandão

DIA 13 DE JULHO

MINICURSO - O USO DA ULTRASSONOGRAFIA NA MEDICINA VETERINÁRIA DE URGÊNCIA
INSTRUTOR: M.V. Maria Emília Ferreira de Azevedo

MINICURSO - EXAME NEUROLÓGICO EM PEQUENOS ANIMAIS: DA TEORIA À PRÁTICA
INSTRUTOR: M.V. Lucas Lucena Medeiros da Silva

MINICURSO - TRATAMENTO DE FERIDAS: UMA IMERSÃO NA CLÍNICA DE CÃES E GATOS
INSTRUTOR: M.V. Severino Irlândeson da Silva

MELHORES TRABALHOS

TÍTULO: "**SEMINOMA ASSOCIADO AO CRIPTORQUDISMO EM CÃO: RELATO DE CASO**"
AUTORES: Sabryna Abrantes Da Silveira, Sival Rufino De Carvalho Junior, Maria Luyza Rodrigues Meira, Rhana Beatriz Mendonça Guimarães E Almir Pereira De Souza

TÍTULO: "**SARCOMA POR APLICAÇÃO EM REGIÃO ESCÁPULO-UMERAL EM FELINO – RELATO DE CASO**"
AUTORES: Laura Maria Azevêdo De Figueiredo, Misael Da Silva Mendes, Laís Caroline Gomes Ramos, Márcio Phillip Andrade Correira E Almir Pereira De Souza

TÍTULO: "**MANEJO NUTRICIONAL DA CAQUEXIA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA**"

AUTORES: Lucas Leite Arruda, Luan Bruno Granja E Marcio Phillip Andrade Correia

ANAIS DO I SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR DE PEQUENOS ANIMAIS (I SIMPA)

http://www.doi.org/10.52832/wed.165

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simpósio Multidisciplinar de Pequenos Animais (1. : 2025: Patos, PB) Anais do SIMPA [livro eletrônico] / organizadores Almir Pereira de Souza...[et al.]. -- 1. ed. -- Patos, PB: Wissen Editora, 2025.

PDF
Vários autores.
Bibliografia.

ISBN: 978-65-85923-64-4
DOI: 10.52832/wed.165

1. Pequenos animais - Doenças – Tratamento 2. Medicina veterinária I. Souza, Almir Pereira de. II. Título.

25-291036 CDD-636.089
NLM-SF-745

Índices para catálogo sistemático:

1. Medicina veterinária 636.089
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Informações sobre da Wissen Editora
Homepage: www.editorawissen.com.br
Teresina - Piauí, Brasil
E-mails: contato@wisseneditora.com.br
wisseneditora@gmail.com

Como citar ABNT:
SOUZA A. P. et al. Anais Do I Simpósio Multidisciplinar De Pequenos Animais (I Simpa). **Anais** [...]. Campina Grande-PB: Wissen Editora, 2025. DOI: 10.52832/wed.165

Patos-PB, 2025

SOBRE OS ORGANIZADORES

Almir Pereira de Souza

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal da Paraíba (1989), Mestrado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Viçosa, MG (2000), doutorado em Cirurgia Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003) Campus de Jaboticabal-SP e Pós-doutorado pela Universidade De Trás-os-Montes e Alto DOuro em Vila Real, Portugal (2009). É Professor Titular do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Patos-PB, lecionando as disciplinas de Patologia e Clínica Médica de Caninos e Felinos, Prática Hospitalar, Cardiologia de Pequenos Animais e Farmacologia Veterinária. Tem experiência na área de Medicina Veterinária, com ênfase em Clínica Médica de Pequenos Animais e Anestesiologia, atuando principalmente nos seguintes temas: clínica geral de cães e gatos, doenças infecciosas, farmacologia clínica, cardiologia e anestesiologia. É orientador no Programa de Pós-graduação em Ciência e Saúde Animal da UFCG, em nível de Mestrado e Doutorado e Coordenador do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macedo Tabosa da UFCG. Autor dos livros Doença de Chagas Canina no Semiárido Paraibano e Coletânea de Temas da Clínica de Pequenos Animais.

Sara Alves Santana

Atualmente é estudante de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande com excelente coeficiente de rendimento acadêmico. Participou do Programa de Monitoria da Universidade Federal de Campina Grande como bolsista exercendo o papel de monitora da disciplina de Patologia e Clínica Médica de Caninos e Felinos durante 2 semestres, sendo atualmente monitora bolsista da mesma disciplina. Participou como voluntária no Projeto de extensão denominado "Cão, mosquito e dirofilariose". É Presidente da Liga Acadêmica de Animais de Companhia da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Campina Grande, possui grande experiência em estágios voltados para a Clínica Médica de Caninos e Felinos excedendo 500 horas totais e direciona sua formação acadêmica para essa mesma área.

Taynara Graziela Matias dos Santos

Estudante de Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande, cursando o oitavo período. Participou do Projeto de Extensão "Reforço Escolar" do Professor Assis. Diretora adjunta da Liga Acadêmica de Animais de Companhia. Foi monitora da disciplina "Reprodução de caninos e felinos" e é atualmente monitora da disciplina de "Prática Hospitalar". Extensionista no Projeto de Extensão "Orientações técnico-científicas sobre as principais doenças com potencial zoonótico diagnosticadas em cães e gatos no município de Patos, Paraiba" orientado pelo Professor Dr Antonio Flavio Medeiros Dantas. Ampla experiencia na Clínica Médica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário, contabilizando mais 800 horas, além de mais de 200 horas no setor de Diagnóstico por imagem. Pretendendo seguir na área de Clínica Médica de Pequenos Animais.

Sabryna Abrantes da Silveira

Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Patos - PB, cursando o nono período, com excelente Coeficiente de Rendimento Acadêmico. Participação no Programa de Monitoria da Universidade Federal de Campina Grande na qualidade de Monitor bolsista do componente curricular Biologia Molecular e Celular, Patologia Clínica Veterinária e Patologia e Clínica Médica de Caninos e Felinos. Participando do Programa de Monitoria da Universidade Federal de Campina Grande na qualidade de Monitor voluntário do componente curricular Patologia e Clínica Médica de Caninos e Felinos. Além disso, integrei projetos de extensão como " Brincar para aprender - Anatomia com arte na escola" e possuo ampla vivência em estágios extracurriculares, principalmente na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, a qual me interesso em seguir carreira nessa especialidade.

SUMÁRIO

ANESTESIOLOGIA VETERINÁRIA 20

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MEDICINA VETERINÁRIA: UMA REVISÃO 21

Luana Regina Assunção da Silva[1]; Ester Lays da Silva Sousa[1]; Maria Clara Vieira de Medeiros[1]; Pedro Isidro da Nóbrega Neto[2]. 21

INTERAÇÕES HEMODINÂMICAS DE DOBUTAMINA E VASOPRESSORES NO CONTROLE DE HIPOTENSÃO INTRAOPERATÓRIA DE LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA EM CÃO GERIÁTRICO COM MASSA ABDOMINAL: RELATO DE CASO 22

Francyberg Vaz Barbosa[1]; Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Flávia Augusta de Oliveira[2]; Carlos Daniel Batista de Alencar[3]; Durval Baraúna Júnior[4]; Cassia Regina Oliveira Santos[5] 22

SINERGIA ANALGÉSICA E ESTABILIDADE HEMODINÂMICA: UMA ABORDAGEM MULTIMODAL PARA ANESTESIA EM OSTEOSSÍNTESE UMERAL EM CÃO: RELATO DE CASO 23

Francyberg Vaz Barbosa[1]; Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Flávia Augusta de Oliveira[2]; Durval Baraúna Júnior[3]; Cassia Regina Oliveira Santos[4] 23

BLOQUEIO DO PLANO DO ERETOR ESPINHAL GUIADO POR ULTRASSONOGRAFIA EM FELINO SUBMETIDO À LAMINECTOMIA TORÁCICA .. 24

Clara de Oliveira Lôbo[1]; Beatriz Eduarda de Sousa Bandeira[1]; Rony Deivid Soares Santos[2]; Lucas Lucena Medeiros da Silva[2]; Pedro Isidro da Nóbrega Neto[3] 24

CIRURGIA DE PEQUENOS ANIMAIS 25

LIGADURA DO DUCTO TORÁCICO ASSOCIADO À PERICARDIECTOMIA SUBTOTAL NO TRATAMENTO DO QUILOTÓRAX IDIOPÁTICO EM FELINOS (REVISÃO DE LITERATURA) 26

Joarlly Araújo Nóbrega[1]; Gildenor Xavier Medeiros[2] 26

PROLAPSO URETRAL EM CÃO: RELATO DE CASO 27

Fernanda Morais de Lima[1]; Livia Rayane Miranda Silva Santos [2]; Ewerton Martins Batista[2]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[3]; Leonardo Mendes Tôrres[4] 27

DENERVAÇÃO ARTICULAR COXOFEMORAL EM CÃES COM DOENÇA ARTICULAR DEGENERATIVA SECUNDÁRIA À DISPLASIA (REVISÃO DE LITERATURA) 28

Maria Luiza Silva Sousa[1]; Gildenor Xavier Medeiros[2] 28

URETROSTOMIA ESCROTAL EM CANINO COM RUPTURA URETRAL APÓS ORQUIECTOMIA MALSUCEDIDA: RELATO DE CASO 29

Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1]; Lucas Lucena Medeiros da Silva[2]; Pedro Henrique Araújo da Silva[1]; Marcelo Jorge Cavalcanti de Sá[3]; Pedro Isidro da Nóbrega Neto[3] 29

CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS..... 30

ASPECTOS ETIOLÓGICOS, DIAGNÓSTICO E ESTADIAMENTO DA DOENÇA RENAL CRÔNICA EM FELINOS - REVISÃO DE LITERATURA 31

Jamille Cruz Ramos[1], Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1], Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1], Taynara Graziela Matias dos Santos[1], Laura Beatriz Cure de Oliveira Carvalho[2]..... 31

COMPARAÇÃO TERAPÊUTICA ENTRE MITOTANO E TRILOSTANO EM CÃES COM HIPERADRENOCORTICISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA 32

Kamila Ellen da Silva[1]; Francisco Abner dos Santos Barbosa[1]; Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1]; Marcos Vinicius Vidal Silva[1]; Clarice Carvalho Maia de Queiroz[2]..... 32

ALTERAÇÕES ANATÔMICAS COMO FATOR PREDISPONENTE A INFECÇÕES RESPIRATÓRIAS CRÔNICAS EM CÃES BRAQUICEFÁLICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA 33

Kamila Ellen da Silva[1]; Francisco Abner dos Santos Barbosa[1]; Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1]; Marcos Vinicius Vidal Silva[1]; Clarice Carvalho Maia de Queiroz[2]..... 33

SÍNDROME DO CÃO NADADOR: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A HIPOPLASIA MIOFIBRILAR 34

Maria Clara Vieira de Medeiros[1]; Ester Lays da Silva Sousa[1]; Luana Regina Assunção da Silva[1]; Flawana Karla Alves de Medeiros[2] 34

IMPACTOS DO CONFINAMENTO E APLICAÇÕES DO ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL EM FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA 35

Jamille Cruz Ramos[1], Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1], Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1], Taynara Graziela Matias dos Santos[1], Laura Beatriz Cure de Oliveira Carvalho[2]..... 35

MANEJO TERAPEUTICO DA PERITONITE INFECCIOSA FELINA COM USO DO ANTIVIRAL GS-441524: RELATO DE CASO..... 36

Taynara Graziela Matias dos Santos[1], Anna Jamily Silva Ramalho Martins[1], Jamille Cruz Ramos[1], Maria Luyza Rodrigues Meira[2], Rosangela Maria Nunes da Silva[3]..... 36

CARCINOMA DE CÉLULAS GLANDULARES EM CONDUTO AUDITIVO DE CÃO: RELATO DE CASO 37

Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1]; Pedro Henrique Araújo da Silva[1]; Jamille Cruz Ramos[1]; Rayane Ribeiro dos Santos[2] 37

ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS PARA ALCANÇAR A REMISSÃO DIABÉTICA EM FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA 38

Sabryna Abrantes da Silveira[1]; Daniel Oliveira Macêdo[2]..... 38

REPARO DE ÚLCERAS CORNEANAS COM PELE DE TILÁPIA (*Oreochromis niloticus*) EM CÃES E GATOS: REVISÃO DE LITERATURA..... 39

Vitória Tereza André Lima[1]; Xaila Sant' Anna Amaral[1]; Carlos Antonio Lira Felipe Neto[1]; Ryama Andrade Martins Caetano[2]..... 39

PERITONITE SECUNDÁRIA À ÚLCERA GÁSTRICA PERFURADA EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO 40

Sabryna Abrantes da Silveira[1]; Marcos Roberto Dantas de Souza Filho[1]; Ryama Andrade Martins Caetano[2]; Caroline Gomes da Silva[3]; Almir Pereira de Souza[4] 40

SÍNDROME VESTIBULAR NA MEDICINA VETERINÁRIA: ETIOLOGIA, DIAGNÓSTICO E ABORDAGEM TERAPÊUTICA 41

Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Gildenor Xavier Medeiros[2] 41

USO DO SORO AMILÓIDE A (SAA) NO MONITORAMENTO DA RESPOSTA INFLAMATÓRIA NA MICOPLASMOSE FELINA: RELATO DE CASO 42

Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Hilda Cristina Azevedo[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3] ; Elaine Silva Dantas[4] 42

MENINGOENCEFALITE NECROSANTE EM CÃES DA RAÇA PUG – REVISÃO DE LITERATURA 43

Marcos Roberto Dantas de Souza Filho [1]; Rodrigo Ferreira Oliveira [1]; Lucas Leite Arruda [1]; Maria Gabriela Sousa Ernesto [2] 43

DIAGNÓSTICO TERAPÊUTICO DE MIASTENIA GRAVIS ADQUIRIDA EM CÃO: RELATO DE CASO 44

Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Hilda Cristina Azevedo[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3] 44

HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA ASSOCIADA A EFUSÃO PLEURAL EM FELINO: RELATO DE CASO 45

Taynara Graziela Matias dos Santos[1], Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1], Jamille Cruz Ramos[1], Maria Luyza Rodrigues Meira[2], Rosangela Maria Nunes da Silva[3] 45

LÚPUS ERITEMATOSO CUTÂNEO CRÔNICO EM CÃO: RELATO DE CASO 46

Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Hilda Cristina Azevedo[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3] 46

HEMANGIOSSARCOMA CONJUTIVO CORNEAL EM CÃO – RELATO DE CASO 47

Laura Maria Azevêdo de Figueiredo[1]; Maria Luyza Rodrigues Meira[1]; Márcio Phillip Andrade Correira[2]; Maria Gabriela Sousa Ernesto[2]; Almir Pereira de Souza[3] 47

SARCOMA POR APLICAÇÃO EM REGIÃO ESCÁPULO-UMERAL EM FELINO – RELATO DE CASO 48

Laura Maria Azevêdo de Figueiredo[1]; Misael da Silva Mendes[2]; Laís Caroline Gomes Ramos[2]; Márcio Phillip Andrade Correira[3]; Almir Pereira de Souza[3] 48

SEMINOMA ASSOCIADO AO CRIPTORQUDISMO EM CÃO: RELATO DE CASO 49

Sabryna Abrantes da Silveira[1]; Sival Rufino de Carvalho Junior[1]; Maria Luyza Rodrigues Meira[2]; Rhana Beatriz Mendonça Guimarães[3]; Almir Pereira de Souza[4] 49

MANEJO NUTRICIONAL DA CAQUEXIA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA 50

Lucas Leite Arruda[1]; Luan Bruno Granja[2]; Marcio Phillip Andrade Correia[3] 50

DISPLASIA DE VALVA TRICÚSPIDE EM CÃO – RELATO DE CASO 51

Maria Eduarda Sousa Meira[1]; Ingrid Nayara Duarte Azevedo[2]; Laís Caroline Gomes Ramos[2]; Almir Pereira de Souza[3] 51

HIPERTENSÃO PULMONAR EM PEQUENOS ANIMAIS: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE OS ASPECTOS CLÍNICOS, DIAGNÓSTICOS E TERAPÊUTICOS 52

Mateus Marques do Nascimento[1]; Arthur Masaharu da Nóbrega Batista[1]; Miriã Mamede Noronha de Souza[2] 52

USO DE CANABIDIOL NO CONTROLE DA DOR CRÔNICA EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA 53

Vitória Tereza André Lima[1]; Xaila Sant' Anna Amaral[1]; Carlos Antonio Lira Felipe Neto[1]; Rony Deivid Soares Santos[2] 53

USO DE CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS DE TECIDO ADIPOSO NO TRATAMENTO DE CERATOCONJUNTIVITE SECA EM CÃES – REVISÃO DE LITERATURA SOBRE EFICÁCIA 54

Lucas Leite Arruda[1]; Luan Bruno Granja[2]; Maria Gabriela Sousa Ernesto[3] 54

USO DE TACROLIMUS EM BLEFARITE ULCERATIVA ASSOCIADA A LEISHMANIOSE EM CÃO: RELATO DE CASO 55

Hilda Cristina Oliveira de Azevedo[1]; Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3]; Elaine Silva Dantas[4] 55

OSTEOSSARCOMA EXTRA-ESQUELÉTICO NA REGIÃO MAMÁRIA EM CADELA – RELATO DE CASO 56

Laura Maria Azevêdo de Figueiredo[1]; Maria Gabriela Sousa Ernesto[2]; Márcio Phillip Andrade Correira[2]; Almir Pereira de Souza[3] 56

COMPLEXO FOLICULITE FURUNCULOSE EOSINOFÍLICO DIAGNOSTICADO CÃO DA RAÇA GOLDEN RETRIEVER: RELATO DE CASO 57

Hilda Cristina Oliveira de Azevedo[1]; Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3]; Rossandra dos Santos Lucena[4] 57

INSUFICIÊNCIA PANCREÁTICA EXÓCRINA EM CADELA SEM RAÇA DEFINIDA: RELATO DE CASO 58

Hilda Cristina Oliveira de Azevedo[1]; Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3]; Elaine Silva Dantas[4] 58

DIAGNÓSTICO POR IMAGEM 59

USO DA ULTRASSONOGRAFIA NO DIAGNÓSTICO DE ANASARCA FETAL EM YORKSHIRE TERRIER: RELATO DE CASO 60

Anna Jamily Silva Ramalho Martins[1]; Yasmin da Silva Oliveira[1]; Taynara Graziela Matias dos Santos[1]; Daniel Oliveira Macêdo[2]; Ryama Andrade Martins Caetano[3] 60

EFUSÃO PERICÁRDICA E PLEURAL SECUNDÁRIAS À INSUFICIÊNCIA CARDÍACA CONGESTIVA DIREITA EM CANINO – RELATO DE CASO 61

Yasmin da Silva Oliveira[1]; Anna Jamily Silva Ramalho Martins[1]; Brendha Barreira Ramalho[1]; Daniel Oliveira Macêdo[2]; Maria Gabriela Sousa Ernesto[2] 61

ACHADOS ULTRASSONOGRÁFICOS COMPATÍVEIS COM INFARTO RENAL AGUDO EM CADELA: RELATO DE CASO 62

Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Francyberg Vaz Barbosa[1]; Erika Juliana Gomes de Oliveira[2]; Marilia Gabriele Prado Albuquerque Ferreira[3] 62

OSTEOPATIA HIPERTRÓFICA EM CÃO COM LINFOMA CUTÂNEO: RELATO DE CASO RADIOGRÁFICO SEM ALTERAÇÕES TORÁCICAS EVIDENTES 63

Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Francyberg Vaz Barbosa[1]; Erika Juliana Gomes de Oliveira[2]; Marilia Gabriele Prado Albuquerque Ferreira[3] 63

DESCRIÇÃO DOS ACHADOS ULTRASSONOGRÁFICOS DE PSEUDOCISTOS RENAIS SUBCAPSULARES BILATERAIS EM FELINO: RELATO DE CASO 64

Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Francyberg Vaz Barbosa[1]; Amanda Carneiro Cardoso[2]; Ana Laura Freitas Alencar[3] 64

PATOLOGIA ANIMAL 65

LESÕES PULMONARES ASSOCIADAS À *Dirofilaria immitis* EM ANIMAIS DE COMPANHIA 66

Edivaldo Santana Da Silva Segundo[1]; Francisco Abner dos Santos Barbosa[1]; Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1]; Marcos Vinicius Vidal Silva[1]; Clarice Carvalho Maia de Queiroz[2] 66

PATOLOGIA CLÍNICA 67

ASPECTOS LABORATORIAIS DA TROMBOCITOPENIA IMUNOMEDIADA 68

Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Emanuelle Emmely Silva Leite[1]; Mayara Almeida da Silva[2]; Matheus Ferreira Lourenço[2]; Márcio Eduardo Melo Benvenutti[3] 68

DIAGNÓSTICO LABORATORIAL DE EFUSÃO QUILOSA EM FELINO – RELATO DE CASO 69

Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Ana Clara Adelino Daniel[1]; Mayara Almeida da Silva[2]; Matheus Ferreira Lourenço[2]; Márcio Eduardo Melo Benvenutti[3] 69

REVISÃO DE LITERATURA: ASPECTOS LABORATORIAIS DA ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA 70

Emanuelle Emmely Silva Leite[1]; Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Mayara Almeida da Silva[2]; Matheus Ferreira Lourenço[2]; Márcio Eduardo Melo Benvenutti[3] 70

REVISÃO DE LITERATURA: ALTERAÇÕES LABORATORIAIS EM QUADROS DE INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA EM CÃES E GATOS 71

Emanuelle Emmely Silva Leite[1]; Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Mayara Almeida da Silva[2]; Matheus Ferreira Lourenço[2]; Márcio Eduardo Melo Benvenutti[3] 71

APRESENTAÇÃO

Bem-vindos aos anais do I Simpósio Multidisciplinar de Pequenos Animais (I SIMPA), organizado pela Liga Acadêmica de Animais de Companhia (LAAC) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Centro de Saúde e tecnologia Rural. O I SIMPA foi realizado de forma presencial, entre os dias 10 e 13 de julho, nas dependências da própria universidade, o evento reuniu estudantes da área de clínica médica de pequenos animais com o objetivo de promover a atualização e a troca de conhecimentos sobre as principais áreas da clínica médica e temas de relevância para a prática veterinária.

A programação contou com a abertura oficial e uma mesa-redonda no dia 10, abordando o tema "Dificuldades e empecilhos na triagem de animais na clínica médica de cães e gatos". Nos dias 11 e 12, ocorreram palestras ministradas por profissionais e pesquisadores da área, e, no dia 13, foram realizados minicursos voltados para pequenos animais. O evento também abriu espaço para a submissão de trabalhos científicos, reforçando o compromisso acadêmico com a produção e a divulgação do conhecimento. O I SIMPA contou com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal (PPG-CSA) fortalecendo o papel da Universidade Federal de Campina Grande como espaço de formação, reflexão e integração entre teoria e prática na medicina veterinária.

Os anais do I SIMPA reúne os estudos aprovados e apresentados no evento, fortalecendo a produção científica e contribuindo para o avanço da ciência.

Desejamos uma ótima leitura!

A Comissão Organizadora

ANESTESIOLOGIA VETERINÁRIA

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MEDICINA VETERINÁRIA: UMA REVISÃO

Luana Regina Assunção da Silva[1]; Ester Lays da Silva Sousa[1]; Maria Clara Vieira de Medeiros[1]; Pedro Isidro da Nóbrega Neto[2].

[1]Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2]Professor doutor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB.
luana.regina@estudante.ufcg.edu.br

A inteligência artificial (IA) tem proporcionado um importante avanço tecnológico na área da saúde, incluindo a medicina veterinária. O algoritmo processa pequenos ou grandes volumes de informações e os apresentam sem a necessidade do raciocínio humano, em sua maioria, mostrando resultados rápidos que requerem apenas ser observados e interpretados. Na medicina humana, a utilização da IA é uma realidade definida, contribuindo significativamente para o avanço da anestesiologia. Por outro lado, na medicina veterinária, embora a IA já esteja sendo incluída em áreas como diagnóstico por imagem e suporte terapêutico, sua aplicação na anestesiologia ainda é vaga. Os estudos voltados ao uso da IA no monitoramento anestésico de pequenos animais são poucos, e a integração efetiva dessa tecnologia nessa especialidade ainda está em desenvolvimento. Esta revisão tem como objetivo descrever as principais aplicações da inteligência artificial na medicina veterinária, especialmente em pequenos animais, destacando seu uso no diagnóstico, na anestesiologia e no suporte à decisão clínica, bem como sua relevância na rotina profissional. Esta revisão foi desenvolvida com base na análise de artigos científicos e materiais divulgados em fontes nacionais relevantes, como o Jornal da UNESP, a Academia Paulista de Medicina Veterinária e os anais do 69° Congresso Brasileiro de Anestesiologia (CBA). Foi considerado o estudo realizado na FMVZ/Unesp de Botucatu, que utiliza de tecnologia automatizada sugerindo a possibilidade da utilização em cães, gatos, coelhos ou animais de produção, contribuindo para discussão, comparação e a compreensão do uso da IA em diferentes contextos da medicina veterinária no Brasil. A IA tem sido aplicada para monitorar em tempo real sinais vitais dos pacientes, identificando alterações precoces e auxiliando os anestesistas na tomada de decisão clínica, o que contribui para maior segurança durante os procedimentos. Embora existam alguns estudos na área, o uso da IA na veterinária ainda é limitado, tanto no Brasil quanto em outros países. A IA já vem sendo aplicada com destaque para o diagnóstico e a anestesiologia em pequenos animais. No entanto, sua implementação ainda enfrenta desafios, como a adaptação à rotina clínica e a capacitação dos profissionais.

Palavras-chave: Algoritmo; Anestesiologia; Pequenos Animais.

INTERAÇÕES HEMODINÂMICAS DE DOBUTAMINA E VASOPRESSORES NO CONTROLE DE HIPOTENSÃO INTRAOPERATÓRIA DE LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA EM CÃO GERIÁTRICO COM MASSA ABDOMINAL: RELATO DE CASO

Francyberg Vaz Barbosa[1]; Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Flávia Augusta de Oliveira[2]; Carlos Daniel Batista de Alencar[3]; Durval Baraúna Júnior[4]; Cassia Regina Oliveira Santos[5]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos-PB; [2] Médica Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), especializada em Anestesiologia Veterinária; [3] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Campus Ciências Agrárias (CCA), Petrolina-PE; [4] Professor Universitário, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); [5] Médica Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
francyberg.vaz@estudante.ufcg.edu.br

Este relato tem como objetivo descrever o manejo anestésico e hemodinâmico de um cão geriátrico, anêmico e desidratado, submetido à laparotomia exploratória, destacando a importância da abordagem dinâmica frente ao choque hipovolêmico intraoperatório. O caso é relevante por ilustrar condutas práticas e eficazes mesmo em condições clínicas desafiadoras, contribuindo com a literatura anestesiológica veterinária. Foi encaminhado ao Hospital Veterinário Universitário da UNIVASF um cão macho, sem raça definida, com 12 anos, com suspeita ultrassonográfica de abscesso ou massa nodular adjacente ao estômago. O exame clínico revelou desidratação e anemia, confirmadas por hemograma previamente ao procedimento. Foi indicada laparotomia exploratória, com previsão de transfusão sanguínea no pós-operatório. Na medicação pré-anestésica (MPA), utilizou-se metadona (0,3 mg/kg, IM). Antes da indução, administrou-se cefalotina (25 mg/kg, IV). A indução foi realizada com fentanil (2 µg/kg, IV) e propofol (4 mg/kg, IV), com manutenção por isofluorano, dexmedetomidina (0,5 µg/kg/h) e fentanil (5 µg/kg/h), além de fluidoterapia com NaCl 0,9 % (4 mL/kg/h). Realizou-se analgesia regional com bupivacaína (2 mg/kg, IP). Monitorou-se o paciente a cada 10 minutos, incluindo frequência cardíaca e respiratória, temperatura, pressão arterial (PAS, PAD, PAM), SpO_2 e $ETCO_2$. Após quatro horas de procedimento, o animal apresentou descompensação cardiovascular com hipotensão, taquicardia, mucosas pálidas, tempo de preenchimento capilar > 4 s, redução da temperatura periférica e queda no $ETCO_2$, sugerindo choque hipovolêmico com redução do débito cardíaco. Suspendeu-se a infusão de dexmedetomidina, mantendo-se o fentanil. Realizaram-se duas provas de carga volêmica, seguidas de dois "bolus" de efedrina, ambos com respostas transitórias. Iniciou-se então infusão contínua de dobutamina (2,5 µg/kg/h), com estabilização até o término da cirurgia (~40 minutos). No pós-operatório, utilizaram-se dipirona (25 mg/kg, IM) e meloxicam (0,2 mg/kg, SC). Embora a transfusão tenha sido planejada no pós-operatório, considerando a anemia pré-existente e risco de hemodiluição pela fluidoterapia, discute-se que a transfusão transoperatória poderia ter sido uma estratégia precoce e benéfica para evitar a instabilidade cardiovascular. O animal recuperou-se da anestesia, mas apresentou novo episódio de hipotensão na clínica de origem, revertido com noradrenalina contínua, seguida de transfusão sanguínea. O caso ilustra como o manejo hemodinâmico dinâmico e integração de fluidoterapia, inotrópicos (dobutamina) e vasopressores (efedrina e noradrenalina) são cruciais na anestesia de pacientes críticos.

Palavras-chave: Cão geriátrico; Choque hipovolêmico; Dobutamina; Suporte hemodinâmico; Vasopressores.

SINERGIA ANALGÉSICA E ESTABILIDADE HEMODINÂMICA: UMA ABORDAGEM MULTIMODAL PARA ANESTESIA EM OSTEOSSÍNTESE UMERAL EM CÃO: RELATO DE CASO

Francyberg Vaz Barbosa[1]; Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Flávia Augusta de Oliveira[2]; Durval Baraúna Júnior[3]; Cassia Regina Oliveira Santos[4]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos-PB; [2] Médica Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), especializada em Anestesiologia Veterinária; [3] Professor Universitário, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
4 Médica Veterinária (UNIVASF).
francyberg.vaz@estudante.ufcg.edu.br

É relatado a estabilidade hemodinâmica e a eficácia da técnica de *splash block* perineural com bupivacaína como alternativa analgésica durante procedimento ortopédico em cão politraumatizado, associada a uma conduta anestésica e analgésica multimodal. Um cão, macho, da raça Fila Brasileiro, com dois anos de idade, foi encaminhado ao Hospital Veterinário Universitário da UNIVASF após sofrer trauma por queda de veículo em movimento, resultando em fratura do úmero direito. Após avaliação clínica e radiográfica, indicou-se osteossíntese do membro acometido. A medicação pré-anestésica consistiu em metadona (0,3 mg/kg, IM) e, antes da indução, foi administrada cefalotina (25 mg/kg, IV). A indução anestésica foi realizada com fentanil (2,5 µg/kg, IV), cetamina (1 mg/kg, IV) e propofol (4 mg/kg, IV), sendo a manutenção feita com isoflurano em oxigênio e infusão contínua de fentanil (10 µg/kg/h). Devido ao edema inflamatório na região, o bloqueio do plexo braquial não foi realizado no pré-operatório. Durante a cirurgia, após dissecção e exposição do plexo, realizou-se instilação perineural de bupivacaína (0,5 mg/kg, sem vasoconstritor) por *splash block*. No pós-operatório imediato, utilizaram-se dipirona (25 mg/kg, IM) e meloxicam (0,2 mg/kg, SC), sendo necessário resgate analgésico com tramadol (5 mg/kg, IM) ao final da cirurgia. A monitorização multiparamétrica foi realizada a cada 10 minutos, com frequência cardíaca variando entre 75 e 120 bpm, frequência respiratória entre 14 e 25 mpm, pressão arterial sistólica entre 110 e 140 mmHg, $ETCO_2$ entre 35 e 45 mmHg, SpO_2 entre 96 e 100% e temperatura retal entre 37,1 °C e 38,2 °C, indicando estabilidade hemodinâmica durante todo o procedimento. A recuperação anestésica foi satisfatória. A associação de metadona, fentanil, cetamina, propofol e bupivacaína proporcionou analgesia eficaz e estabilidade cardiovascular. A técnica de *splash block* perineural demonstrou ser uma alternativa segura e eficiente ao bloqueio do plexo braquial guiado, especialmente em condições clínicas adversas. Conclui-se que a combinação de anestesia multimodal e analgesia regional adaptada às particularidades do paciente permitiu adequado controle álgico e estabilidade fisiológica intraoperatória.

Palavras-chave: Analgesia regional; Anestesia multimodal; Bupivacaína; Fentanil; *Splash block* perineural.

BLOQUEIO DO PLANO DO ERETOR ESPINHAL GUIADO POR ULTRASSONOGRAFIA EM FELINO SUBMETIDO À LAMINECTOMIA TORÁCICA

Clara de Oliveira Lôbo[1]; Beatriz Eduarda de Sousa Bandeira[1]; Rony Deivid Soares Santos[2]; Lucas Lucena Medeiros da Silva[2]; Pedro Isidro da Nóbrega Neto[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB, Brasil; [2] Residente do Setor de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária do Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macêdo Tabosa, Patos, PB, Brasil; [3] Professor Doutor, Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macêdo Tabosa, Patos, PB, Brasil.
clara.lobo@estudante.ufcg.edu.br

Um felino da raça Pelo Curto Brasileiro, 2 anos de idade, 1,6 kg, foi atendido no Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macêdo Tabosa, em Patos - PB. Durante o exame clínico, o animal apresentava-se ativo, com paresia nos membros pélvicos, rigidez no membro torácico esquerdo e resposta preservada à dor superficial e profunda em todos os membros. Com base no exame clínico e nos exames complementares, indicou-se a realização de laminectomia torácicas nas vértebras T8, T9 e T10. Após avaliação pré-anestésica, foi instituído o seguinte protocolo anestésico: medicação pré-anestésica com dexmedetomidina (10 mcg/kg/IM) e metadona (0,3 mg/kg/IM); indução com propofol (3 mg/kg/IV); intubação orotraqueal com sonda n° 2,5; e manutenção com isoflurano associado à infusão contínua de remifentanil (10 mcg/kg/h) e dexmedetomidina (1 mcg/kg/h). Para otimizar o controle da dor, especialmente no pós-operatória, foi realizado o bloqueio do plano do eretor espinhal (Erector Spinae Plane - ESP block), técnica de anestesia regional que consiste na administração de anestésico local no plano interfascial entre o músculo eretor da espinha e os processos transversos das vértebras torácicas, promovendo dessensibilização dos nervos espinhais; e linha de incisão com lidocaína 2% (1,4 mL/total). O bloqueio foi guiado por ultrassonografia, permitindo a identificação precisa do plano anatômico. O paciente foi posicionado em decúbito esternal para a realização bilateral do bloqueio, com inserção da agulha "em plano" até o limite do processo transverso da sétima vertebra torácica. Após a confirmação do plano interfascial, administrou-se bupivacaína 0,5% (0,3 mL/kg/ponto), observou-se sua dispersão por imagem anecóica ou hipoecoica na ultrassonografia. O objetivo do trabalho foi assegurando ao relatar a eficácia do bloqueio foi confirmada pela estabilidade dos parâmetros fisiológicos: frequência cardíaca (95 – 140 bpm), respiratória (20 – 28 mpm) e pressão arterial média (58 – 86 mmHg) e pela ausência de resposta a estímulos nociceptivos durante a cirurgia. Este caso demonstra a eficácia do ESP block como técnica analgésica auxiliar em laminectomias torácicas (T8-T10) em felinos, contribuindo para maior estabilidade anestésica e bem-estar do paciente.

Palavras-chave: Anestesia; Bupivacaína; ESP block.

CIRURGIA DE PEQUENOS ANIMAIS

LIGADURA DO DUCTO TORÁCICO ASSOCIADO À PERICARDIECTOMIA SUBTOTAL NO TRATAMENTO DO QUILOTÓRAX IDIOPÁTICO EM FELINOS (REVISÃO DE LITERATURA)

Joarlly Araújo Nóbrega[1]; Gildenor Xavier Medeiros[2]

[1]Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2]Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB.
joarlly.araujo@estudante.ufcg.edu.br

O quilotórax é um tipo de efusão pleural incomum em gatos. A presença de líquido quiloso no tórax pode ocorrer secundariamente a afecções que afetam o sistema de drenagem ou produção do quilo, ou ainda ser caracterizado como um transtorno primário do metabolismo dos lipídeos. Quando as causas secundárias de quilotórax são descartadas, como traumatismos, neoplasias e doenças cardíacas, sugere-se que o distúrbio lipídico seja classificado como idiopático. Portanto, com base na literatura científica, encontrada em portais como Scielo, Pubmed e Pubvet, utilizando os termos, *"quilotórax, associações cirúrgicas e tratamento"*. Tendo como inclusão, publicações de reconhecida credibilidade, entre os anos de 2019 e 2025. Torna-se imprescindível, analisar a eficácia da ligadura do ducto torácico associada à pericardiectomia subtotal no tratamento do quilotórax idiopático em felinos. A ligadura do ducto torácico é o procedimento cirúrgico indicado para interromper o vazamento linfático responsável pelo quilotórax, bloqueando o ducto que drena a linfa para a circulação venosa. Em felinos, devido ao seu tamanho reduzido, a técnica exige delicadeza e pode ser realizada por toracotomia ou videotoracoscopia. Embora eficaz isoladamente, a combinação com a pericardiectomia subtotal apresenta melhores resultados clínicos, sendo especialmente indicada nos casos idiopáticos ou refratários ao tratamento conservador. A pericardiectomia subtotal consiste na remoção parcial do pericárdio fibroso, cuja presença pode aumentar a pressão intratorácica, dificultando o retorno venoso e linfático e contribuindo para a persistência da efusão. A associação desses procedimentos reduz a pressão intratorácica, melhora a circulação linfática e venosa e favorece a adaptação funcional do sistema linfático, aumentando a eficácia terapêutica e diminuindo a chance de recidiva. Também reduz a necessidade de reintervenções e previne complicações como pleurite fibrosante e fibrose pleural, que comprometem a função pulmonar. Entretanto, a intervenção em pacientes com condições clínicas graves ou risco cirúrgico elevado deve ser cuidadosamente considerada, Com benefício terapêutico restrito. Assim, a associação entre a ligadura do ducto torácico e a pericardiectomia subtotal representa a abordagem cirúrgica mais eficaz para o tratamento do quilotórax idiopático em felinos, com maior eficácia terapêutica, menor recorrência e redução de complicações respiratórias.

Palavras-chave: Cirurgia torácica; Drenagem linfática e Efusão pleural.

PROLAPSO URETRAL EM CÃO: RELATO DE CASO

Fernanda Morais de Lima[1]; Livia Rayane Miranda Silva Santos [2]; Ewerton Martins Batista[2]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[3]; Leonardo Mendes Tôrres[4]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Patos – UNIFIP; [2] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [3] Médico veterinário responsável pelo caso clínico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [4] Médico veterinário responsável técnico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT).
fernandalima@medvet.fiponline.edu.br

O prolapso uretral em cães é caracterizado pela protusão da mucosa uretral e do óstio externo da uretra, com alta incidência em machos jovens com idade média que varia de quatro meses a cinco anos, sendo considerada uma condição incomum na rotina clínica. Sua origem, embora não estabelecida de forma concreta, pode estar relacionada a excitação excessiva, contaminações do trato urinário, propensão genética, traumatismo e urolitíase. O presente trabalho visa descrever um caso de prolapso uretral em um cão, corrigido cirurgicamente, em uma clínica veterinária particular na cidade de Patos, PB. Foi atendido um cão da raça Pitbull, de um ano de idade, não castrado, com diagnóstico clínico de prolapso uretral. O animal apresentava estado de excitação constante, com formação de uma nodulação lisa, brilhante inicialmente de coloração avermelhada na ponta do pênis e com o decorrer dos dias tornou-se enegrecida e de sangramento fácil, lambeduras excessivas, disúria e hematúria. Optou-se, frente ao quadro clínico, pela ressecção cirúrgica da mucosa uretral prolapsada, visto aspecto congesto, com pontos de necrose e encarceramento da mucosa, e orquiectomia. A técnica cirúrgica consiste na inserção de uma sonda uretral, o pênis é exposto e fixado na posição com o auxílio de um dreno penrose em seu entorno, para a fixação do dreno uma pinça hemostática é utilizada e pontos de reparo são colocados na mucosa prolapsada a fim de melhor manipulação evitando retração da uretra para o interior do canal peniano. Duas agulhas de 0,7mmx25mm são colocadas perpendicularmente entre elas, cruzando a mucosa, passando pela uretra como método adicional para evitar a retração. Em sequência, a incisão da mucosa uretral é realizada ao longo de sua circunferência e a mucosa remanescente é suturada no padrão isolado simples ou simples contínuo, utilizando fio monofilamentar absorvível 4-0. O manejo pós-operatório seguiu-se com o uso de analgésicos, anti-inflamatório, antibiótico, e potencializadores da atividade serotoninérgica no intuito de promover tranquilização (trazodona 7,5 mg/kg/BID/30d.) No presente relato, o prolapso uretral possui como causa provável o priapismo constante apresentado pelo animal, contudo a técnica cirúrgica utilizada proporcionou uma correção eficiente da afecção.

Palavras-chave: Priapismo; Protusão; Ressecção Cirúrgica.

DENERVAÇÃO ARTICULAR COXOFEMORAL EM CÃES COM DOENÇA ARTICULAR DEGENERATIVA SECUNDÁRIA À DISPLASIA (REVISÃO DE LITERATURA)

Maria Luiza Silva Sousa[1]; Gildenor Xavier Medeiros[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR); [2] Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR).
maria.l.sousa@estudante.ufcg.edu.br

A displasia coxofemoral é uma afecção articular comum em cães de médio a grande porte, caracterizada pela incongruência da articulação, dor crônica e claudicação progressiva. Essa condição pode evoluir para doença articular degenerativa (DAD), promovendo a degradação da cartilagem e deformação articular. Como alternativa terapêutica para controle da dor, a técnica cirúrgica de denervação coxofemoral ganha destaque por sua eficácia e resultados rápidos na recuperação funcional dos membros afetados. Este trabalho tem como objetivo revisar, de forma narrativa, os efeitos e benefícios da denervação articular coxofemoral no alívio da dor em cães com DAD associada à displasia. Para isso, foram consultadas as bases de dados Ciência Animal, PubMed, Pubvet e SciELO, tendo como inclusão, publicações de reconhecimento e credibilidade, entre os anos de 2015 e 2024. A técnica baseia-se na desperiostização da borda acetabular cranial e dorsal, bem como na neurectomia dos ramos articulares dos nervos glúteo cranial e ciático. A interrupção desses estímulos nociceptivos proporciona alívio rápido da dor e melhora funcional significativa, com relatos de até 90% de recuperação em pacientes operados. Apesar de promissora, a técnica não é curativa e carece de mais estudos clínicos comparativos que avaliem sua efetividade frente a outras abordagens, como a osteotomia pélvica ou artroplastia total. É importante avaliar quais são os critérios para sua indicação, o tempo de resposta e os casos de recidiva. O prognóstico depende da gravidade da displasia e do grau de atrofia muscular, impactando diretamente no tempo de recuperação. Ainda assim, a denervação se mostra uma alternativa viável, de baixo custo, segura e eficaz para cães com dor crônica refratária, melhorando a qualidade de vida dos pacientes e reduzindo o uso prolongado de analgésicos. Conclui-se que, apesar de não ser inovadora, a técnica representa uma opção útil no manejo clínico da DAD secundária à displasia, sendo uma abordagem funcional e prática dentro da ortopedia veterinária.

Palavras-chave: Articulação do quadril; Artropatia; Caninos; Neurectomia.

URETROSTOMIA ESCROTAL EM CANINO COM RUPTURA URETRAL APÓS ORQUIECTOMIA MALSUCEDIDA: RELATO DE CASO

Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1]; Lucas Lucena Medeiros da Silva[2]; Pedro Henrique Araújo da Silva[1]; Marcelo Jorge Cavalcanti de Sá[3]; Pedro Isidro da Nóbrega Neto[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária, Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Patos, PB, Brasil; [2] Médico (a) Veterinário (a) Residente do Programa de Residência Multiprofissional, UFCG, campus Patos, PB, Brasil; [3] Docente do curso de Medicina Veterinária, CSTR, UFCG, campus Patos, PB, Brasil.
yasmin.ketlle@estudante.ufcg.du.br

A orquiectomia, embora simples, pode causar complicações como hemorragia, edema escrotal, infecção e deiscência de sutura. Portanto, esse estudo visa relatar um caso de uretrostomia escrotal após ruptura uretral pós-castração em canino. Um cão, macho, da raça Bichon Frisé, com 1 ano de idade, foi atendido no HVUIMT da UFCG, em Patos/PB, com histórico de disúria após orquiectomia realizada em outro serviço no dia 13/05/25. Apresentava hemorragia, micção por gotejamento, necrose tecidual de todo o saco escrotal e da região pré-escrotal, onde havia vazamento de urina pela ferida cirúrgica necrosada, além de distensão abdominal e dispneia. No exame físico, verificaram-se os seguintes parâmetros vitais: FC: 156 bpm, FR: 56 mpm, TR: 37,8 °C, TPC: 2", TC: 1" e mucosas pálidas. O hemograma indicou hematócrito de 11% e plaquetograma de 460.000. A ultrassonografia (USG) abdominal constatou presença de líquido livre abdominal, bexiga severamente dilatada e hidronefrose bilateral. Foi realizada uma transfusão sanguínea, e o animal foi encaminhado para cirurgia. No transoperatório, observou-se a presença de suturas com fio de nylon transparente nas fáscias espermáticas e necrose com presença de pus. Também foi observada uma sutura com o mesmo fio na uretra pré-escrotal, onde havia extravasamento de urina. Foi realizada a remoção das suturas antigas e desbridamento do tecido necrosado, incluindo ablação do saco escrotal, seguido de lavagem abundante com solução fisiológica estéril aquecida (NaCl a 0,9%). Realizaram-se novas ligaduras com fio de nylon cirúrgico 2-0. Efetuou-se sondagem uretral, seguida de incisão longitudinal na uretra escrotal com lâmina de bisturi nº 11, e sutura da mucosa uretral à pele adjacente com fio de nylon 4-0, em padrão simples separado. Foi realizada uma dermorrafia cranial e caudal à uretrostomia com fio de nylon 3-0, em padrão simples separado. No pós-operatório imediato, o animal apresentava fluxo urinário viável. Foi internado em clínica para administração de medicações injetáveis com ação anti-infecciosa, anti-inflamatória e analgésica. Após 15 dias, retornou sem sinais de infecção, urinando normalmente e com a ferida cirúrgica totalmente recuperada. A uretrostomia escrotal é uma técnica eficaz para casos complexos, por proporcionar acesso direto à uretra, com menor risco de estenose e bom prognóstico.

Palavras-chave: Castração; Infecção; Necrose.

CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS

ASPECTOS ETIOLÓGICOS, DIAGNÓSTICO E ESTADIAMENTO DA DOENÇA RENAL CRÔNICA EM FELINOS - REVISÃO DE LITERATURA

Jamille Cruz Ramos[1], Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1], Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1], Taynara Graziela Matias dos Santos[1], Laura Beatriz Cure de Oliveira Carvalho[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), campus Patos, PB, Brasil; [2] Médica Veterinária Residente do Programa de Residência Multiprofissional, UFCG, campus Patos, PB, Brasil.
jamille.cruz@estudante.ufcg.edu.br

A Doença Renal Crônica (DRC) em felinos é uma enfermidade de considerável casuística na rotina de pequenos animais, principalmente em geriátricos. Por se tratar de uma doença progressiva e irreversível que altera a morfofisiologia dos rins, diminui significativamente a qualidade de vida e sobrevida desses pacientes. Objetiva-se com este trabalho realizar uma revisão de literatura narrativa sobre a DRC em felinos, abordando fatores predisponentes, estadiamento, diagnóstico e relevância clínica por meio de artigos científicos publicados entre 2023 e 2024 nas bases PubVet, Scielo e Google Acadêmico, utilizando os descritores "doença renal crônica", "gatos" e "diagnóstico precoce". Diversos fatores têm sido associados ao surgimento da DRC em gatos, como o envelhecimento natural, isquemia, presença de outras doenças, excesso de fósforo e até vacinas de rotina. Já entre os aspectos que influenciam a progressão da doença nos animais diagnosticados, destacam-se o consumo elevado de fósforo na alimentação, a intensidade da proteinúria e a presença de anemia. A DRC pode ser estadiada para melhor monitoramento, de acordo com a *International Renal Interest Society*: estágio I (início silencioso, o paciente não é azotêmico e já existe alteração renal, CRE: <1,6mg/dL), estágio II (azotemia renal discreta, CRE: entre 1,6 e 2,8mg/dL, com possível poliúria e polidipsia), estágio III (azotemia renal moderada, CRE: entre 2,9 e 5mg/dL, com manifestações sistêmicas) e estágio IV (azotemia renal severa, CRE: >5mg/dL, importante perda da função renal somada às apresentações sistêmicas), levando em consideração os sinais clínicos de uremia - letargia e fraqueza, anorexia ou hiporexia, vômitos, halitose urêmica, úlcera orais, desidratação, perda de peso e baixo escore corporal - podendo incluir uma insuficiência renal, especialmente nos I e II estágios. Dessa forma, a doença pode ser diagnosticada a partir dos sinais clínicos, exames laboratoriais (bioquímica sérica e urinálise) e de imagem (ultrassonografia), além dos biomarcadores (SDMA), que apresentam maior sensibilidade. Conclui-se que o reconhecimento dos fatores predisponentes, o estadiamento adequado e o uso de métodos diagnósticos de forma precoce são fundamentais para a prática clínica veterinária que contribui para uma abordagem mais eficaz e individualizada no manejo da DRC felina.

Palavras-chave: Azotemia; Gatos; Sinais clínicos; Uremia.

COMPARAÇÃO TERAPÊUTICA ENTRE MITOTANO E TRILOSTANO EM CÃES COM HIPERADRENOCORTICISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Kamila Ellen da Silva[1]; Francisco Abner dos Santos Barbosa[1]; Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1]; Marcos Vinicius Vidal Silva[1]; Clarice Carvalho Maia de Queiroz[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Patos, PB; [2] Médica Veterinária autônoma, Patos, PB.
kamilasilva4237@gmail.com

O hiperadrenocorticismo canino (HAC), ou síndrome de Cushing, é uma endocrinopatia comum em cães de meia-idade a idosos, caracterizada pela produção excessiva de glicocorticoides. Seus sinais clínicos incluem poliúria, polidipsia, polifagia, alopecia e distensão abdominal, podendo ter origem adrenal ou hipofisária. A terapêutica medicamentosa representa a principal abordagem, com destaque para mitotano e trilostano. Na literatura veterinária, cresce o interesse por comparar essas opções quanto à eficácia e segurança, diante da necessidade de decisões terapêuticas individualizadas. Esta revisão de literatura teve como objetivo comparar os aspectos terapêuticos de mitotano e trilostano, analisando sua eficácia, efeitos adversos e impacto clínico no tratamento do HAC. Foram selecionados quatro artigos científicos internacionais publicados entre 2005 e 2017, por meio de buscas nas bases de dados PubMed, Scopus, Google Acadêmico e ScienceDirect. Utilizaram-se os descritores: "hiperadrenocorticismo canino", "mitotano", "trilostano", "tratamento" e "síndrome de Cushing em cães". Os critérios de inclusão abrangeram estudos com protocolos clínicos, resposta terapêutica, efeitos adversos e monitoramento hormonal. Os estudos analisados demonstraram que tanto mitotano quanto trilostano são eficazes no controle clínico do HAC. O mitotano foi administrado em fase de indução (50 mg/kg/dia), seguido por manutenção semanal, induzindo necrose seletiva da adrenal, embora com maior risco de hipoadrenocorticismo. O trilostano, administrado de forma contínua (0,2 a 1,1 mg/kg a cada 12 horas), inibe a síntese de cortisol e mostrou melhor tolerância clínica. A eficácia foi monitorada por teste de estimulação com ACTH, com metas hormonais entre 1,5 e 5,5 µg/dL. Conclui-se que a escolha entre mitotano e trilostano deve considerar a condição clínica do paciente, a viabilidade de monitoramento e os efeitos adversos potenciais. O trilostano demonstrou controle clínico mais previsível, sendo preferido em esquemas individualizados.

Palavras-chave: Cortisol; Doença de cães; Síndrome de cushing.

ALTERAÇÕES ANATÔMICAS COMO FATOR PREDISPONENTE A INFECÇÕES RESPIRATÓRIAS CRÔNICAS EM CÃES BRAQUICEFÁLICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Kamila Ellen da Silva[1]; Francisco Abner dos Santos Barbosa[1]; Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1]; Marcos Vinicius Vidal Silva[1]; Clarice Carvalho Maia de Queiroz[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Patos, PB; [2] Médica Veterinária autônoma, Patos, PB.
kamilasilva4237@gmail.com

Cães braquicefálicos apresentam predisposição a obstruções das vias aéreas superiores devido a alterações anatômicas resultantes da seleção por focinho encurtado. Essa conformação leva à Síndrome Obstrutiva das Vias Aéreas em Braquicefálicos, frequentemente associada a infecções respiratórias crônicas. Acredita-se que a complexidade anatômica e a persistência de sinais clínicos respiratórios estejam relacionadas à recorrência dessas infecções. Este trabalho constitui uma revisão de literatura sobre os impactos da anatomia braquicefálica na ocorrência e no manejo clínico de infecções respiratórias crônicas em cães. A busca foi realizada nas bases de dados PubMed, Scielo, Google Acadêmico e ScienceDirect, utilizando os descritores: "cães braquicefálicos", "infecção respiratória crônica", "obstrução das vias aéreas superiores", "síndrome obstrutiva das vias aéreas em braquicefálicos" e "anatomia dos cães". Foram considerados artigos publicados entre 2015 e 2022, com acesso ao texto completo, que abordassem a relação entre a conformação anatômica dos cães braquicefálicos e a predisposição a processos inflamatórios e infecciosos das vias aéreas. A seleção baseou-se na relevância e aplicabilidade clínica das informações. Apesar da ampla discussão na literatura, foram selecionados quatro estudos que atendiam rigorosamente aos critérios estabelecidos. Os resultados apontam que cães como Pugs, Bulldogs e Shih Tzus, com cabeça e focinho achatados, apresentam anormalidades intranasais, como crescimento excessivo dos cornetos nasais, desvio de septo e turbinatos ectópicos, que favorecem infecções crônicas. Alterações na anatomia laríngea, traqueal e faríngea aumentam a resistência ao fluxo de ar, facilitando a colonização bacteriana. Tais alterações também impactam negativamente o bem-estar animal, levando a estresse respiratório, intolerância ao exercício e distúrbios do sono. O tratamento medicamentoso apresenta limitações, pois a obstrução anatômica não é resolvida apenas com antibióticos ou anti-inflamatórios, sendo necessária, muitas vezes, intervenção cirúrgica. Conclui-se que a anatomia alterada dos cães braquicefálicos é um fator determinante para a ocorrência de infecções respiratórias crônicas. A compreensão dessas alterações é essencial para o diagnóstico precoce e definição de estratégias terapêuticas eficazes.

Palavras-chave: Anatomia comparada; Braquicefalia; Doença de cães.

SÍNDROME DO CÃO NADADOR: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A HIPOPLASIA MIOFIBRILAR

Maria Clara Vieira de Medeiros[1]; Ester Lays da Silva Sousa[1]; Luana Regina Assunção da Silva[1]; Flawana Karla Alves de Medeiros[2]

[1]Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2] Médica Veterinária Fisiatra, Setor de Reabilitação do Centro Integrado Veterinário (CIVET), Campina Grande, PB.
mariaclaravieirademedeiros1@gmail.com

A hipoplasia miofibrilar - síndrome do cão nadador - é um transtorno no desenvolvimento de filhotes de cães e gatos, estes mais raros, que se manifesta nas primeiras semanas de vida do animal, podendo acometer os membros pélvicos, torácicos ou todos simultaneamente. Este trabalho objetiva revisar a literatura da doença, com foco nos sinais clínicos e tratamento de eleição. A metodologia baseou-se principalmente no "Tratado de Fisioterapia e Fisiatria de Pequenos Animais", referência na área de reabilitação, e em artigos científicos, que relatam que as raças de cães mais afetadas por essa patologia são as condrodistróficas, como Buldogue Inglês e Francês, ainda que a enfermidade também já tenha sido relatada em outras. Até o décimo dia de vida, é esperado que a musculatura esquelética seja desenvolvida, porém, em animais que apresentam a síndrome, há um retardo na formação de fibras do tipo I e na evolução da força ligamentar, que não acompanha o peso ou tamanho do animal e resulta em desenvolvimento muscular incompleto. Ainda existem diversas teorias do surgimento dessa síndrome, entre elas, o fator genético, a alteração na sinapse neuromuscular, mielinização inadequada dos neurônios periféricos e a deficiência nutricional da mãe refletida na composição do leite estão entre as mais aceitas. Os sinais clínicos incluem abdução total dos membros acometidos, dificultando a locomoção e resultando em um movimento de remada, devido a impossibilidade de ficar em estação e caminhar, permanecendo em decúbito esternal. Consequente a esse posicionamento na fase de desenvolvimento, o animal desenvolve complicações articulares, como hiperextensão da articulação do joelho, hiperflacidez, rotação das extremidades, luxação de patela ou hiperflexão coxofemoral, além de deformações torácicas, que podem gerar outras complicações como dispneia, sopro cardíaco e cianose. O diagnóstico é feito com base na anamnese e sinais clínicos característicos. Conclui-se que não existe protocolo específico para essa patologia, porém, para promover o aumento do tônus e força muscular, o tratamento de eleição é a fisioterapia, que associado à aplicação de bandagens, apresenta um resultado satisfatório se iniciado na terceira semana de vida, quando os ossos e articulações ainda são flexíveis.

Palavras-chave: Articulação; Filhotes; Fisioterapia.

IMPACTOS DO CONFINAMENTO E APLICAÇÕES DO ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL EM FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

Jamille Cruz Ramos[1], Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1], Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1], Taynara Graziela Matias dos Santos[1], Laura Beatriz Cure de Oliveira Carvalho[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), campus Patos, PB, Brasil; [2] Médica Veterinária Residente do Programa de Residência Multiprofissional, UFCG, campus Patos, PB, Brasil.
jamille.cruz@estudante.ufcg.edu.br

O confinamento, seja por razões médicas ou por estilo de vida doméstico, pode levar a sérios prejuízos ao bem-estar físico e psicológico dos felinos. A restrição dos ambientes, como baias de internamento ou dentro de casa, limita a liberdade de exploração, o que pode desencadear agressividade, medo, *grooming* excessivo ou abstenção dele, perda de pelo psicogênico, eliminação inapropriada de excretas e automutilação, além disso, prejudica a fisiologia neuroendócrina e imunológica, potencializada por local, odores diferentes e pelo próprio estresse. Este trabalho tem como finalidade abordar, por meio de uma revisão de literatura os impactos do confinamento em felinos e a importância do enriquecimento ambiental na promoção do bem-estar desses animais, por meio de artigos em bases como Pubmed, Scielo e Google Acadêmico, usando os termos "enriquecimento ambiental", "gatos" e "confinamento". Diante da problemática, o enriquecimento ambiental (EA) surge como ferramenta essencial para tornar a vivência do paciente mais confortável. Para tanto, são introduzidos estímulos físicos, sensoriais, cognitivos, alimentares e sociais, a fim de promover comportamentos naturais e reduzir o estresse, o principal causador de mudanças comportamentais e corrobora com enfermidades. Nesse contexto, a disposição de aromas agradáveis ao gato como diferentes ervas, *catnip* ou *Feliway*, alimentos palatáveis como sachês, brinquedos como redes e arranhadores são exemplos sujeitos a adaptações de acordo com a necessidade. O EA é uma técnica já amplamente utilizada para animais silvestres em zoológicos e tem se mostrado efetiva para os *pets*, especialmente felinos no manejo *cat friendly*, a partir de análises etológicas considerando comportamentos neofílicos e neofóbicos e quadros clínicos, porém, pouco explorada. Portanto, é recomendável que haja implementação das técnicas de EA tanto em casa, se tornando importante a recomendação veterinária aos tutores, quanto nos ambientes de consultório e internamento, a fim de melhorar a experiência do felino e favorecer os pilares do bem-estar, assegurando livramento da fome e sede, desconforto, medo e estresse, dor, lesões e doenças, podendo expressar seu comportamento típico.

Palavras-chave: bem-estar; estresse; felídeos domésticos.

MANEJO TERAPEUTICO DA PERITONITE INFECCIOSA FELINA COM USO DO ANTIVIRAL GS-441524: RELATO DE CASO

Taynara Graziela Matias dos Santos[1], Anna Jamily Silva Ramalho Martins[1], Jamille Cruz Ramos[1], Maria Luyza Rodrigues Meira[2], Rosangela Maria Nunes da Silva[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro de Saúde e Tecnologia Rural da Universidade Federal de Campina Grande (CSTR/UFCG), Patos, PB, Brasil; [2] Residente da Clínica Médica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macêdo Tabosa (HVUIMT), CSTR/UFCG, Patos, PB, Brasil; [3] Professora Doutora, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, CSTR/UFCG, Patos, PB, Brasil.
taynara.graziela@estudante.ufcg.edu.br

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma enfermidade viral grave e progressiva, causada por uma mutação do coronavírus felino, que acomete principalmente gatos jovens. Este relato descreve o caso de um felino, sem raça definida, com 7 meses de idade e 2,5 kg, atendido no HVUIMT/CSTR/UFCG com sinais de dispneia, apatia, hiporexia e hipodipsia. Foi realizado uma radiografia torácica em uma clínica veterinária evidenciando efusão pleural. Ao exame clínico, encontrava-se alerta, porém com dispneia, FC de 230 bpm, FR 72 mpm e TR 38 °C. Observou-se abaulamento abdominal discreto, arritmia, abafamento dos sons cardíacos e mucosas hipocoradas. Foi realizada ultrassonografia torácica (TFAST), que confirmou a presença de efusão pleural. Procedeu-se à toracocentese para drenagem do líquido, o qual apresentava coloração amarelada, aspecto viscoso e formação de bolhas. A citologia revelou predomínio de neutrófilos e macrófagos em fundo granular eosinofílico, enquanto a bioquímica apresentou proteína total de 5,5 g/dL, globulinas 3,65 g/dL e relação albumina/globulina 0,50, diagnosticando a PIF. Foi indicado iniciar o tratamento experimental com GS-441524, sendo prescrito também tratamento de suporte para controle sintomatológico e redução do desconforto, como: Amoxicilina com clavulanato (20 mg/kg, BID, 10 dias), Prednisolona (2 mg/kg, BID, com desmame em 28 dias), Dipirona (1 gota/kg, BID, 5 dias), Munno Max (1 g/animal, SID, 30 dias), Glicopan Gold (0,5 mL/kg, BID, 15 dias), além do antiviral GS-441524 (6 mg/kg, SC, SID, por 3 meses). Durante o tratamento, o animal foi reavaliado mensalmente conforme as recomendações do protocolo, demonstrando melhora clínica significativa, com ganho de peso e retorno do apetite. O peso era monitorado semanalmente para ajuste da dose do medicamento. Ao término do tratamento, após 84 dias, o animal retornou para avaliação clínica, apresentando-se bem, sem sinais clínicos evidentes, exceto febre esporádica. Os exames hematológicos estavam dentro da normalidade. No entanto, após 48 horas, o paciente evoluiu com paresia de membros, opistótono, vocalização e estupor. Diante do quadro neurológico grave e limitações financeiras, optou-se pela eutanásia. Apesar da boa resposta inicial ao antiviral, a evolução neurológica demonstra os desafios terapêuticos da PIF. Mesmo com tratamento adequado o prognóstico permanece reservado.

Palavras-chave: Efusão pleural; Peritonite Infecciosa Felina; GS-441524.

CARCINOMA DE CÉLULAS GLANDULARES EM CONDUTO AUDITIVO DE CÃO: RELATO DE CASO

Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1]; Pedro Henrique Araújo da Silva[1]; Jamille Cruz Ramos[1]; Rayane Ribeiro dos Santos[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária, Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Patos, PB, Brasil; [2] Médica Veterinária responsável pelo caso.
Yasmin.ketlle@estudante.ufcg.edu.br

A neoplasia do conduto auditivo externo geralmente está associada à infecção crônica das glândulas presentes nessa região. Dentre os tipos tumorais, destaca-se o carcinoma ceruminoso, uma neoplasia maligna originada nas glândulas apócrinas produtoras de cerúmen. Trata-se de uma condição rara e agressiva, com alto potencial para invasão local e, em alguns casos, metastática. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo descrever um caso clínico com evolução cirúrgica de carcinoma ceruminoso em um cão. Um canino, macho, sem raça definida (SRD), com sete anos de idade, foi atendido em uma clínica veterinária localizada na cidade de Bayeux-PB, tendo como queixa principal meneios frequentes de cabeça, prurido intenso e secreção purulenta no ouvido direito, com presença de miíases. Durante o exame físico, observou-se FC de 120 bpm, frequência respiratória elevada, TR de 38,8 °C, TPC de 2", TC de 1" e mucosas oral e conjuntival normocoradas. O animal não permitia manipulação, sendo necessária a realização de contenção química para avaliação do conduto auditivo, com o intuito de coletar material para exame citológico e limpeza da região acometida. Os exames complementares indicaram hematócrito levemente baixo, de 33%, leucocitose com neutrofilia e aumento de células jovens da série branca — achados compatíveis com processo inflamatório ou infeccioso agudo —, plaquetas normais, ALT e FA elevadas. O exame citopatológico evidenciou células epiteliais neoplásicas com morfologia variada, de cuboidais a poligonais, com bordas bem definidas; núcleos grandes, ovais, com cromatina grosseira e citoplasma abundante, às vezes basofílico, com vacuolização, além de alta atividade mitótica. O paciente foi encaminhado a outra instituição para realização da cirurgia de ablação do conduto auditivo, procedimento que envolve a remoção do conduto auditivo externo associada à conchectomia, visando garantir margens cirúrgicas adequadas e melhor prognóstico. O pós-operatório transcorreu sem intercorrências, e o animal segue em bom estado geral, com evolução clínica satisfatória. O carcinoma ceruminoso, embora raro, deve ser incluído como diagnóstico diferencial em casos de otite crônica com massas no conduto auditivo. A ablação do conduto, associada à conchectomia, demonstrou ser uma conduta eficaz, permitindo adequada margem cirúrgica e boa evolução clínica no paciente descrito.

Palavras-chave: Carcinoma ceruminoso; Conchectomia; Otite externa.

ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS PARA ALCANÇAR A REMISSÃO DIABÉTICA EM FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

Sabryna Abrantes da Silveira[1]; Daniel Oliveira Macêdo[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Campus de Patos, PB; [2] Médico Veterinário pela UFCG, CSTR, UAMV, Campus de Patos, PB.
sabrynaabrantes04@gmail.com

O Diabetes Mellitus (DM) é caracterizado por hiperglicemia contínua, sendo mais frequente em felinos o DM Insulino-Independente, associado principalmente à obesidade, senilidade, sedentarismo, machos castrados e uso de drogas diabetogênicas. Para obter maiores taxas de sobrevida, o objetivo do tratamento em felinos é alcançar a Remissão Diabética (RD), definida pela manutenção da normoglicemia sem o uso de insulina exógena pelo menos quatro semanas. Em contrapartida, a remissão do DM em cães nem sempre é possível, visto que nessa espécie é mais comum a DM Insulino-Dependente. Objetiva-se discutir estratégias terapêuticas que favoreçam a RD nos felinos. Foram utilizados artigos científicos e publicações acadêmicas (PubMed...), publicados nos últimos cinco anos, com ênfase em evidências recentes e relevantes. Os sinais clínicos do DM são progressivos, logo, de difícil percepção inicialmente, sendo mais comum polidipsia, polifagia, perda de peso e poliúria. É necessário mensurar a glicose para obter diagnóstico, sendo essencial manejo *cat friendly* durante mensuração nos felinos, visto que podem apresentar hiperglicemia induzida por estresse. A insulinoterapia é a principal forma de controle do DM, devendo ser levados em consideração fatores que afetem a absorção da insulina, como local de aplicação, obesidade, dosagem e espécie de origem da insulina. Além disso, a determinação do tipo de insulina deve considerar a gravidade do estado do paciente, presença de doenças secundárias e resposta individual a cada insulina. A terapia dietética é imprescindível, devendo auxiliar a corrigir a obesidade, importante fator de risco, reduzindo assim a resistência insulínica e a dose necessária de insulina. Pode ainda minimizar as flutuações pós prandiais na glicose sanguínea e coordena o pico de absorção dos nutrientes com o da atividade da insulina exógena. Atividades físicas são recomendadas, principalmente em animais sedentários e senis, devendo-se estimular gradualmente com caminhadas e brincadeiras. Após medidas terapêuticas adequadas, pode-se alcançar a RD, porém, deve manter monitoração continuamente, pois o DM não possui cura, havendo riscos de recidivas, sendo essencial identificar sinais precoces de descompensação. Com isso, estudos relatam que em dietas balanceadas, cerca de 70% dos gatos entraram em RD, geralmente em um período de 1 a 4 meses após início da terapia insulínica.

Palavras-chave: Diabetes Mellitus; Glicose; Insulina.

REPARO DE ÚLCERAS CORNEANAS COM PELE DE TILÁPIA (*Oreochromis niloticus*) EM CÃES E GATOS: REVISÃO DE LITERATURA

Vitória Tereza André Lima[1]; Xaila Sant' Anna Amaral[1]; Carlos Antonio Lira Felipe Neto[1]; Ryama Andrade Martins Caetano[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2] Médica Veterinária, Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais, Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macedo Tabosa, UFCG, Patos, PB.
vitorialima1248@gmail.com

As úlceras de córnea representam uma das enfermidades oftálmicas mais prevalentes na clínica médica de pequenos animais. Anormalidades nas pálpebras, nos cílios, ceratoconjuntivite seca, traumas diretos, doenças infecciosas, e substâncias irritantes são algumas das causas das úlceras de córnea, e quando não tratadas precocemente, podem evoluir para perfuração ocular, e consequente perda da visão. Nesse contexto, este resumo tem como objetivo abordar o uso de enxerto de pele de tilápia (*Oreochromis niloticus*) no reparo de úlceras corneanas em cães e gatos. Para isso, realizou-se uma revisão de literatura baseada em artigos científicos nas plataformas ScienceDirect, SciELO Brasil e Periódicos da CAPES, publicados entre os anos de 2022 e 2024, sendo utilizados os seguintes descritores: "pele de tilápia", "úlcera de córnea", "oftalmologia veterinária" e "enxerto biológico". A literatura atual demonstra que a pele de tilápia tem se mostrado promissora quando empregada no tratamento de úlceras de córnea em pequenos animais. A pele da tilápia é composta histologicamente por um epitélio pavimentoso estratificado e extensas camadas de colágeno. Uma das vantagens de utilizar produtos ricos em colágeno é que eles potencializam o processo de cicatrização e promovem a neovascularização. Assim, a matéria-prima é processada e transformada em uma matriz dérmica acelular de pele de tilápia (MDAPT), uma membrana de colágeno concentrada. A MDAPT possui propriedades importantes para enxertia como alta biocompatibilidade, ausência de imunogenicidade, boa maleabilidade e aderência adequada. Ademais, essa membrana biológica apresenta relação custo/benefício satisfatória, principalmente pela sua elevada disponibilidade e custo mais acessível quando comparada com outros enxertos disponíveis no mercado, pois a maioria são importados e onerosos. Estudos apontam que o enxerto da pele de tilápia em córneas de cães e gatos tem apresentado baixa vascularização, boa lubrificação, ausência de melanose e melhora na transparência corneana, auxiliando no processo de cicatrização e na preservação da visão desses animais. Sendo assim, a enxertia da MDAPT tem demonstrado boa aceitação pelo organismo animal com capacidade de acelerar a cicatrização e recuperação pós-cirúrgica, configurando-se como uma biotecnologia econômica, eficiente e inovadora na oftalmologia veterinária de pequenos animais.

Palavras-chave: Enxertia; Membrana biológica; Oftalmologia veterinária.

PERITONITE SECUNDÁRIA À ÚLCERA GÁSTRICA PERFURADA EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO

Sabryna Abrantes da Silveira[1]; Marcos Roberto Dantas de Souza Filho[1]; Ryama Andrade Martins Caetano[2]; Caroline Gomes da Silva[3]; Almir Pereira de Souza[4]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Campus de Patos, PB; [2] Médica Veterinária Residente, Setor de Clínica Médica de Pequenos Animais Do Hospital Veterinário Universitário Prof. Dr. Ivon Macêdo Tabosa (HVUIMT - UFCG, CSTR, UAMV), Campus de Patos, PB; [3] Médica Veterinária Residente do Laboratório de Patologia Animal do HVUIMT - UFCG, CSTR, UAMV, Campus de Patos, PB; [4] Professor Doutor, UAMV, UFCG, CSTR, Campus de Patos, PB.
sabrynaabrantes04@gmail.com

As úlceras gástricas são incomuns nos felinos, podendo estar relacionadas ao uso de agentes anti-inflamatórios não esteroidais, estresse, hiperacidez gástrica, hipovolemia, insuficiência renal, endoparasitas ou intoxicações, resultando na exposição da submucosa ou camadas mais profundas do estômago. Algumas úlceras podem evoluir para perfuração, desencadeando grave hemorragia e extravasamento do conteúdo gástrico para a cavidade, desenvolvendo quadros de peritonite. Dessa forma, o diagnóstico precoce é importante para melhor prognóstico. Assim, objetivou-se com este estudo relatar o caso de um felino diagnosticado após necropsia com peritonite secundária à úlcera gástrica perfurada. Foi atendido no Hospital Veterinário Universitário Dr. Ivon Macêdo Tabosa um felino, fêmea, 15 anos, sem raça definida, não castrada. A paciente possuía histórico de êmese pós-prandial persistente havia sete dias, havendo hematêmese nos últimos episódios. Anteriormente, alimentava-se de ração e frango desfiado, porém evoluiu para hiporexia e hipodipsia nos últimos dias. Não foi relatado histórico de trauma, assim como não possuía acesso à rua. A tutora optou pelo uso apenas de suplementos e protetor hepático, porém sem melhora clínica significativa. No exame físico, a paciente apresentava mucosas hipocoradas, desidratação de 7%, ausência de sensibilidade dolorosa durante palpação abdominal, sem alterações em parâmetros vitais. Solicitou ainda hemograma, que apresentou discreta anemia normocítica normocrômica, neutrofilia com moderado desvio à esquerda regenerativo. Realizou-se ultrassonografia abdominal, onde evidenciou peritonite severa, ascite, gastroenterite, hepatopatia aguda e lama biliar, não sendo evidenciada ruptura gástrica. Com isso, foi feita a análise do líquido peritoneal, a qual apresentava cor amarelo-escuro e aspecto turvo, sendo sugestivo de exsudato. Posteriormente, foi encaminhada para internamento, iniciando tratamento sintomático com tramadol 2mg/kg, ondansetrona 0,6mg/kg, omeprazol 1mg/kg, amoxicilina + clavulanato de potássio 12,5mg/kg, S-adenosilmetionina 90mg/gato e mirtazapina 3mg/gato. Apesar do tratamento imediato, não houve melhoria, o que culminou no óbito no mesmo dia, sendo encaminhada para necropsia. O exame anatomopatológico concluiu tratar-se de peritonite fibrino-purulenta difusa e acentuada, associada gastrite ulcerativa multifocal acentuada com perfuração de uma das úlceras. Com isso, torna-se perceptível a relevância de identificar sinais clínicos semelhantes e encaminhar para atendimento emergencial, instituindo medidas terapêuticas adequadas de forma rápida, reduzindo as chances de perfuração e peritonite.

Palavras-chave: Êmese; Estômago; Exsudato.

SÍNDROME VESTIBULAR NA MEDICINA VETERINÁRIA: ETIOLOGIA, DIAGNÓSTICO E ABORDAGEM TERAPÊUTICA

Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Gildenor Xavier Medeiros[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); [2] Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
kennedyceres11@gmail.com

A Síndrome Vestibular é definida como um distúrbio que compromete o aparelho vestibular (vestíbulo) do animal, causando sintomatologia característica de acometimento neurológico, e é relatada por possuir uma etiologia muito diversificada. Dependendo da região vestibular afetada, o animal pode ser diagnosticado com uma síndrome vestibular periférica ou central. Com o objetivo de detalhar os aspectos etiológicos, clínicos, meios de diagnóstico e tratamento de animais acometidos pela patologia foi realizada uma revisão de literatura do tipo narrativa usando as bases de dados SciELO, Periódicos da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, PubVet, PubMed e Google acadêmico. Estudos relatam a etiologia pode estar relacionada com outras afecções do sistema nervoso, como a Síndrome Vestibular Periférica (SVP), a qual pode se desenvolver devido a doença vestibular congênita, otite média ou interna, intoxicação por medicamentos ototóxicos que promovem uma destruição das receptores do vestíbulo, hipotireoidismo e neuropatia dos nervos facial e vestibular. A Síndrome Vestibular Central (SVC) tem relação com a deficiência de tiamina, doença cerebrovascular, neoplasias, traumatismo craniano e quadros de meningoencefalites inflamatórias. Os sintomas podem ser diversos, sendo os mais comuns a perda de equilíbrio, inclinação da cabeça ipsilateral (*Head tilt*), quedas e rolamentos, andar em círculos, nistagmo, estrabismo, variação respiratória e alterações das atitudes posturais. O diagnóstico deve ser feito com base na anamnese e exame clínico, com enfoque na realização do exame neurológico. Marcadores hematológicos e bioquímicos devem ser solicitados, direcionados para a avaliação da função da tireoide, exame otoscópico, radiografia, ressonância magnética e análise do líquido cefalorraquidiano. Quanto ao tratamento, pode ser sintomático, com uso de fármacos específicos, já o uso de antibioticoterapia sistêmica é eficiente em casos onde a causa primária é a otite interna ou média de origem infecciosa. Anti-inflamatórios e procedimentos cirúrgicos também são eficientes na rotina veterinária. Contudo, é fundamental o conhecimento a respeito da síndrome vestibular, tendo em vista que é uma patologia que normalmente tem uma causa primária associada e que se tratada com precisão, faz com que o animal tenha um prognóstico mais favorável.

Palavras-chave: Head tilt; Sistema nervoso; Vestíbulo.

USO DO SORO AMILÓIDE A (SAA) NO MONITORAMENTO DA RESPOSTA INFLAMATÓRIA NA MICOPLASMOSE FELINA: RELATO DE CASO

Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Hilda Cristina Azevedo[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3] ; Elaine Silva Dantas[4]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV); [2] Médico Veterinário responsável pelo caso clínico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [3] Médico Veterinário responsável Técnico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [4] Médica Veterinária - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT).
guedesmayarla@gmail.com

As proteínas de fase aguda são sintetizadas no fígado em resposta à ação de citocinas pró-inflamatórias. O uso dessas proteínas como auxílio nos diagnósticos em animais tem crescido nos últimos anos. Nos felinos, o Soro Amilóide A (SAA) é considerada a principal proteína de fase aguda e o seu aumento está associado principalmente a doenças infecciosas, neoplasias e outras condições sistêmicas. O presente relato, visa correlacionar a resposta inflamatória aguda na micoplasmose felina à variação dos níveis de SAA durante a terapia antimicrobiana de um felino, macho, SRD de 4 anos. Tutor procurou atendimento veterinário, relatando que o animal apresentou apatia, hiporexia e estresse após introdução de um novo animal no domicílio. Foram solicitados hemograma, pesquisa de hemoparasitas, marcadores bioquímicos, teste de FIV (Alere® Ac: negativo) e FELV (Alere® Ag: negativo), dimetilarginina simétrica (SDMA) e SAA. Observou-se estruturas compatíveis com inclusões de *Mycoplasma* spp. em periferia da membrana das hemácias, confirmando o diagnóstico de micoplasmose felina. Além disso, houve aumento significativo de Alanina Aminotransferase (513 g/dL, referência: 20 a 107 U/L) e Soro Amilóide A (140,4 mg/mL, referência: < 5 mg/mL), confirmando a resposta inflamatória do organismo à infecção por *Mycoplasma* spp. Dessa forma, inciou-se o tratamento com Doxiciclina (5 mg/kg/BID/VO, por 28 dias), Ômega 3 e FoliB®, optando por não incluir Prednisolona na terapia, visto que o animal não apresentava plaquetopenia e o potencial anti-inflamatório das tetraciclinas e Ômega seriam suficientes. No retorno, certificou-se melhora clínica e laboratorial, o valor de SAA reduziu para 47,8 mg/mL**,** não foram observadas inclusões de *Mycoplasma* spp. em lâmina. O caso demonstra a utilidade do SAA no monitoramento da resposta inflamatória na micoplasmose, fazendo com que este seja um marcador que auxilia o médico veterinário durante o acompanhamento da evolução do paciente, visto que, a redução nos níveis, pode acompanhar a melhora clínica do animal.

Palavras-chave: Acompanhamento; Marcador; Proteínas.

MENINGOENCEFALITE NECROSANTE EM CÃES DA RAÇA PUG – REVISÃO DE LITERATURA

Marcos Roberto Dantas de Souza Filho [1]; Rodrigo Ferreira Oliveira [1]; Lucas Leite Arruda [1]; Maria Gabriela Sousa Ernesto [2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV); [2] Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
marcosdntss@gmail.com

A Meningoencefalite Necrosante (do inglês, NME) se trata de uma condição de ordem inflamatória e idiopática que acomete principalmente cães de pequeno porte, especialmente da raça Pug. Suas lesões são agudas, progressivas e se apresentam na forma de sinais como letargia, depressão, convulsões, alteração de comportamento, distúrbios proprioceptivos, andar a esmo e cegueira. A predileção racial tem sido associada a fatores genéticos, embora possa estar relacionada a infecções e distúrbios metabólicos. O presente trabalho objetiva apresentar inovações sobre a patogenia, sinais clínicos e o diagnóstico, com base em artigos, relatos de caso e literatura publicados entre 2020 – atual, nas bases de dados Scielo, Google acadêmico e PubVet, com os descritores "menigoencefalite" e "encefalite em pugs". Foram excluídos estudos sem metodologia clara ou resultados concretos. Estudos recentes apontam a relação íntima de fatores imunológicos e o aparecimento subsequente dos sinais, já que alguns Pugs que desenvolveram a NME, apresentavam maior concentração de células T CD4+ e citocinas IL-10, que possivelmente auxiliavam na progressão da doença, intensificando o processo inflamatório. Recentemente, observaram-se que os principais sinais prévios em animais com risco de desenvolver a doença são: dor espinhal multifocal, resposta de ameaça reduzida e déficit de reações posturais. Esses dados auxiliam no diagnóstico prévio e tratamento da doença antes do aparecimento de sinais típicos e que se expressam quando já há consolidação da condição. Quanto aos métodos diagnósticos, a ressonância magnética permite avaliar a progressão e extensão das lesões em massa cinzenta e branca na medula, além possibilidade da avaliação da presença de biomarcadores no sangue como níveis de CD4+ e IL-10. Novas terapias, como o uso de células-tronco mesenquimais, têm mostrado redução da inflamação e necrose do tecido nervoso. A combinação de imunomoduladores e supressores como a prednisona e ciclosporina, é rotineira e pode prolongar a vida do paciente em até 10 meses. Conclui-se que o emprego de testes genéticos e neurológicos avançados, assim como biomarcadores, tem auxiliado no diagnóstico precoce da NME sendo o uso de células-tronco o principal alvo de pesquisas e que mostrou resultados promissores, sendo necessária a manutenção de pesquisas na área, bem como no desenvolvimento de técnicas de diagnósticos mais precisas.

Palavras-chave: Células-tronco; Inflamação; Medula.

DIAGNÓSTICO TERAPÊUTICO DE MIASTENIA GRAVIS ADQUIRIDA EM CÃO: RELATO DE CASO

Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Hilda Cristina Azevedo[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV); [2] Médico Veterinário responsável pelo caso clínico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT). [3] Médico Veterinário responsável Técnico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT).
guedesmayarla@gmail.com

A miastenia gravis adquirida, trata-se de uma enfermidade neuromuscular autoimune, que resulta em fraqueza muscular decorrente da produção de anticorpos contra os receptores nicotínicos de acetilcolina na junção neuromuscular. Os cães, em sua maioria, apresentam a forma clássica da doença, identificada por fraqueza apendicular. O presente relato, visa abordar o diagnóstico terapêutico de miastenia gravis, após uso piridostigmina em uma cadela da raça Shih Tzu, de 10 anos de idade. Tutora relatava que animal apresentava episódios de dor aguda após saltar da cama. Após o ocorrido, percebeu diminuição da frequência de locomoção e dificuldade de manter-se em posição quadrupedal, relatava ainda, perda de peso progressiva e hiporexia. O estudo radiográfico dos membros, pelve e coluna, não constatou nenhuma fratura ou alterações osteo-articulares que justificassem o quadro manifesto. Inicialmente, foi prescrito Tramadol, Dipirona, Meloxicam e Citoneurin, sem melhora aparente. Ao longo das próximas horas que sucederam o atendimento, o quadro evoluiu para astenia completa dos membros pélvicos, com o animal em decúbito esternal permanentemente. Foram realizados exames hematológicos, bioquímica hepática e renal, estes sem alteração digna de nota e teste rápido de cinomose Bioclin® Ag (-). Durante exame neurológico o animal não conseguia iniciar o movimento voluntário ou manter-se em estação por muito tempo mesmo com apoio, reflexo do panículo, perineal, tônus de cauda e reflexos patelares diminuídos, dor superficial ausente, dor profunda presente, bexiga repleta e constipação. Vale ressaltar que animal estava sob efeito de tramadol, o que poderia interferir na avaliação real de dor. Após 24 horas do atendimento inicial, uma nova avaliação neurológica foi realizada, com progressão depreciativa do quadro, reflexo panicular antes diminuído, agora ausente, bem como reflexo perineal e paralisia flácida, antes restritas aos membros pélvicos agora com acometimento torácico. Animal foi encaminhado para o neurologista onde ventilou-se a possibilidade de distúrbios relativos a placa motora, dentre eles miastenia gravis. Ultilizou-se então, piridostigmina, parassimpaticomimético inibidor de colinesterase. Com isso, animal recuperou a função motora dos membros e reflexos segmentares cerca de 3 semanas após início da terapia. Dessa forma, destaca-se a relevância da terapia adequada para a recuperação funcional na miastenia gravis.

Palavras-chave: Acetilcolina; Neuromuscular; Piridostigmina.

HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA ASSOCIADA A EFUSÃO PLEURAL EM FELINO: RELATO DE CASO

Taynara Graziela Matias dos Santos[1], Yasmin Ketlle Ribeiro de Assis[1], Jamille Cruz Ramos[1], Maria Luyza Rodrigues Meira[2], Rosangela Maria Nunes da Silva[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro de Saúde e Tecnologia Rural da Universidade Federal de Campina Grande (CSTR/UFCG), Patos, PB, Brasil; [2] Residente da Clínica Médica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macêdo Tabosa (HVUIMT), CSTR/UFCG, Patos, PB, Brasil; [3] Professora Doutora, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, CSTR/UFCG, Patos, PB, Brasil.
taynara.graziela@estudante.ufcg.edu.br

A hérnia diafragmática é uma condição clínica caracterizada pela migração de órgãos abdominais para a cavidade torácica, decorrente de um defeito ou ruptura no diafragma, comprometendo significativamente a função respiratória. Quando acompanhada de efusão pleural, a presença de líquido no espaço pleural intensifica a dificuldade ventilatória, exigindo diagnóstico rápido e intervenção emergencial. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de uma felina, SRD, com aproximadamente 1 ano de idade e 2,7 kg, atendida no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande (HVUIMT/CSTR/UFCG), apresentando sinais clínicos de dispneia, anorexia, oligodipsia e apatia há cerca de cinco dias. A tutora informou que o animal possui livre acesso à rua, convive com outro felino e não havia histórico conhecido de trauma, embora relatasse dor evidente à palpação na região lombossacral e ausência de eliminação de fezes e urina. Ao exame físico, a paciente encontrava-se alerta, porém com dificuldade respiratória. A frequência cardíaca era de 216 bpm, a frequência respiratória de 64 mpm e a temperatura retal de 38,9°C. Observou-se flacidez à palpação abdominal e abafamento dos sons pulmonares à ausculta torácica. Diante do quadro clínico, foram realizados exames de imagem, incluindo ultrassonografia (TFAST) e radiografia torácica, que revelaram a presença do baço e fígado na cavidade torácica, além de acúmulo de líquido, confirmando o diagnóstico de hérnia diafragmática com efusão pleural. A paciente foi submetida com urgência à cirurgia corretiva, sendo realizada herniorrafia diafragmática, a cirurgia iniciou-se com a identificação do defeito diafragmático e redução cuidadosa do conteúdo abdominal herniado. A correção foi realizada com sutura simples separada utilizando fio poliglecaprone absorvível. Procedeu-se à toracocentese e teste de aerostasia, confirmando a eficácia da reparação cirúrgica e a ausência de vazamentos. O protocolo pós-operatório incluiu: Enrofloxacina (5 mg/kg, SID, 10 dias), Meloxicam (0,05 mg/kg, SID, 3 dias), Dipirona (25 mg/kg, BID, 4 dias) e Tramadol (2 mg/kg, TID, 5 dias), todos por via oral. Conclui-se que o reconhecimento rápido dos sinais clínicos, aliado ao suporte diagnóstico por imagem e à intervenção cirúrgica precoce, são determinantes para o sucesso terapêutico e recuperação do paciente com hérnia diafragmática associada à efusão pleural.

Palavras-chave: Anorexia; Hérnia diafragmática; Oligodipsia.

LÚPUS ERITEMATOSO CUTÂNEO CRÔNICO EM CÃO: RELATO DE CASO

Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Hilda Cristina Azevedo[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV). [2] Médico Veterinário responsável pelo caso clínico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT). [3] Médico Veterinário responsável técnico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT).
guedesmayarla@gmail.com

O Lúpus eritematoso cutâneo crônico (LECC) trata-se de uma enfermidade autoimune que envolve fatores genéticos, ambientais e, principalmente exposição a radiação ultravioleta, onde os raios penetram na epiderme, atingem a camada basal, induzindo apoptose, através de distintos mecanismos. O presente relato, visa dissertar sobre o diagnóstico e tratamento de um caso de LECC em um cão de 3 anos de idade, da raça Chow Chow. Tutora procurou atendimento veterinário relatando que o animal há cerca de um mês apresentava quemose biliateral e placas eritematosas em testículo e plano nasal, evoluindo para lesões ulcerativas com presença de solução de continuidade e encimada por crostas hemáticas, estas em configuração mimética a "asas de borboleta", padrão lesional clássico da enfermidade, negava quaisquer desordens sistêmicas relativa a outros sistemas além do tegumentar. Durante atendimento, foi solicitado teste sorológico ELISA e RIFI com diluição total para leishmaniose visceral canina (não reagente para ambos). Coletou-se fragmentos de lábio superior esquerdo, escroto e plano nasal (punch) para análise histopatológica, evidenciando dermatite perivascular liquenóide linfoplasmocitária com degeneração da camada basal, apoptose de queratinócitos e focos ulcerativos, sendo indicativo de lesão imunomediada, diagnóstico sugestivo de lúpus eritematoso discoide multifocal. Iniciou-se o tratamento oral com Azatioprina, Prednisolona e Ômega 3. Como terapia tópica, foram utilizados os seguintes ativos: Tacrolimus 0,1%, Phytosphingosine 0,05% + Ceramidas 0,05 + Filtro solar FPS 30, juntamente com a limpeza no entorno das lesões com soro fisiológico, para remoção de crostas e sujidades, pelo menos duas vezes ao dia. Além disso, foi recomendado o uso do colar elisabetano 24 horas por dia, evitar passeios ou acesso a outros animais durante o período de tratamento, mantê-lo estritamente domiciliado tanto para que se evite exposição a radiação solar, como também complicações secundárias ao tratamento imunossupressor. No retorno, 20 dias após o início do tratamento, animal apresentou evolução notória, apresentando completa remissão tanto da quemose, como também, melhora significativa das lesões em plano nasal e bolsa escrotal, possuindo todo processo registrado por fotografia. Dessa forma, destaca-se a importância do diagnóstico precoce e da terapia imunossupressora tópica e sistêmica no lúpus cutâneo canino.

Palavras-chave: Autoimune; Azatioprina; Lesões.

HEMANGIOSSARCOMA CONJUTIVO CORNEAL EM CÃO – RELATO DE CASO

Laura Maria Azevêdo de Figueiredo[1]; Maria Luyza Rodrigues Meira[1]; Márcio Phillip Andrade Correira[2]; Maria Gabriela Sousa Ernesto[2]; Almir Pereira de Souza[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2] Residente do Hospital Veterinário da Universidade de Campina Grande, Patos, PB; [3] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal da Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB; [4] Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
laurafgrd.22@gmail.com

O hemangiossarcoma (HSA) é uma neoplasia maligna originada através das células de endotélio vascular, apresentando-se normalmente na forma cutânea, subcutânea ou visceral, principalmente no baço, sendo a sua forma ocular, uma apresentação extremamente rara nas espécies domésticas. Em caninos, o HSA ocular normalmente apresenta-se como pequenas lesões de coloração avermelhada na conjuntiva bulbar ou conjuntival, próximas a margem na borda superior da terceira pálpebra ou na própria terceira pálpebra. Objetiva-se relatar um caso de hemangiossarcoma conjuntivo corneal em um canino, descrevendo seus aspectos clínicos, métodos de diagnóstico e tratamento utilizado. Foi atendida uma cadela, SRD, 6 anos, castrada, pelagem branca e amarela, pesando 17,5kg. Na anamnese, a tutora relatou que tinha histórico de mastectomia associada a neoplasia mamária e apresentava atualmente aumento de volume no olho desde sua adoção, apresentando crescimento progressivo por toda extensão ocular, de coloração vermelha e drenando secreção sanguinolenta. Durante a avaliação clínica, observou-se que a massa acometia região de conjuntiva e córnea de globo ocular direito, sem possibilidade de avaliação macroscópica de tecidos adjacentes, ulcerada, aderida, drenando secreção sanguinolenta e centralmente apresentava cápsula de formato irregular exibindo coloração enegrecida. Com base no histórico e exame físico, foram solicitados exames complementares de hemograma, bioquímica sérica, biópsia em região ocular, citologia, radiografia de tórax, ultrassonografia abdominal e ocular. Na radiografia não foram observadas alterações e na ultrassonografia abdominal evidenciou-se um possível infiltrado neoplásico esplênico, além de sinais de esplenomegalia infiltrativa. Na ultrassonografia ocular, foi observado comprometimento da morfologia intraocular e na análise histopatológica, através da biópsia, o animal apresentou como diagnóstico definitivo, hemangiossarcoma Diante do comprometimento funcional intraocular, o paciente foi encaminhado para enucleação, definida como tratamento de eleição, visto que, a neoplasia evoluiu para o comprometimento funcional intraocular, reduzindo as possibilidades de tratamento eficaz com protocolos quimioterápicos. Conclui-se que, o presente caso trata-se de um hemangiossarcoma agressivo com rápida evolução, sendo o estadiamento e determinação dos sítios neoplásicos fundamentais para escolha do tratamento e manejo do caso, o que favoreceu um melhor prognóstico.

Palavras-chave: Histopatologia; Oftalmologia; Oncologia; Ultrassonografia ocular.

SARCOMA POR APLICAÇÃO EM REGIÃO ESCÁPULO-UMERAL EM FELINO – RELATO DE CASO

Laura Maria Azevêdo de Figueiredo[1]; Misael da Silva Mendes[2]; Laís Caroline Gomes Ramos[2]; Márcio Phillip Andrade Correira[3]; Almir Pereira de Souza[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2] Residente do Hospital Veterinário da Universidade de Campina Grande, Patos, PB; [3] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal da Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB; [4]Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal da Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB; [5] Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
laurafgrd.22@gmail.com

Os sarcomas de aplicação são neoplasias malignas originadas pela administração injetável de medicamentos e vacinas, ocorrendo principalmente pela via subcutânea em locais como região interescapular e lateral do tórax. Apesar da patogenia indefinida, acredita-se que os processos inflamatórios induzidos por agentes patogênicos junto à predisposição genética estariam envolvidos no desencadeamento da neoplasia. Isso posto, objetiva-se relatar um caso de um felino atendido no Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Campina Grande, macho, de 2 anos de idade, sem raça definida, pesando 3,5k e castrado. Na anamnese, relatou-se que há aproximadamente 6 meses foi observado um aumento de volume no ombro direito do animal com crescimento progressivo e histórico de administração de medicamentos injetáveis na região. No exame físico, foi constatado a presença de uma massa firme e circunscrita no MTD (membro torácico direito) em região escápulo-umeral, medindo aproximadamente 10,92*11,69*8,69cm, aderida e não ulcerada, com prejuízo parcial ao apoio do MTD. Solicitou-se hemograma, bioquímica sérica, ultrassonografia abdominal e radiografia de MTD. A ultrassonografia não apresentou alterações; já na radiografia, foi observado uma lesão óssea focal associada à reação periosteal de "Sun Burst", sugerindo processo neoplásico primário. Dessa forma, para a obtenção do diagnóstico definitivo, foi realizada biópsia para análise histopatológica. Após o diagnóstico definitivo de Sarcoma de aplicação, indicou-se a radiografia torácica para descartar possível metástase pulmonar, porém a tutora preferiu não realizar o exame. Optou-se pela utilização da quimioterapia metronômica e cuidados paliativos, em razão da impossibilidade de alcançar margens cirúrgicas adequadas para a remoção do tumor. Dessa forma, foi prescrito como fármaco antineoplásico a Ciclofosfamida (3,52mg, SID, VO, 60 dias), além dos fármacos prescritos para controle da dor e da imunossupressão como Gabapentina 5mg/kg (17,5mg, BID, VO, 30 dias), Tramadol 100mg/ml (3 gotas, BID, VO, 12 dias), Dipirona 500mg/ml (3 gotas, BID, VO, 5 dias), Munnomax pó (1g, SID, VO, 30 dias) e Revolution 6% (1 pipeta, Uso tópico, durante 30 dias). Conclui-se que, apesar da baixa incidência da neoplasia em felinos, é fundamental a elaboração de estudos e pesquisas com o objetivo de aprimorar os métodos de tratamento e prevenção, favorecendo um satisfatório prognóstico para os pacientes.

Palavras-chave: Medicina felina; Neoplasias; Oncologia; Vacinação.

SEMINOMA ASSOCIADO AO CRIPTORQUDISMO EM CÃO: RELATO DE CASO

Sabryna Abrantes da Silveira[1]; Sival Rufino de Carvalho Junior[1]; Maria Luyza Rodrigues Meira[2]; Rhana Beatriz Mendonça Guimarães[3]; Almir Pereira de Souza[4]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Campus de Patos, PB; [2] Médica Veterinária Residente, Setor de Clínica Médica de Pequenos Animais Do Hospital Veterinário Universitário Prof. Dr. Ivon Macêdo Tabosa (HVUIMT - UFCG, CSTR, UAMV), Campus de Patos, PB; [3] Médica Veterinária Residente do Laboratório de Patologia Animal do HVUIMT - UFCG, CSTR, UAMV, Campus de Patos, PB; [4] Professor Doutor, UAMV, UFCG, CSTR, Campus de Patos, PB.
sabrynaabrantes04@gmail.com

O criptorquidismo é caracterizado pela ausência de um ou ambos os testículos na bolsa escrotal. Embora tenha etiologia incerta, está relacionado a um fator hereditário autossômico recessivo ligado ao sexo, sendo mais frequente em cães, especialmente em raças puras de pequeno porte. Essa anormalidade aumenta a predisposição às neoplasias testiculares, como o seminoma. O seminoma possui rápida evolução e importante relevância devido à característica maligna, originado das células germinativas dos túbulos seminíferos. Com isso, possui maior incidência em cães senis, além de haver predisposição racial, destacando-se as raças Boxer e Pastor Alemão. Os sinais clínicos são inespecíficos e raros, sendo mais comum o aumento testicular uni ou bilateral, podendo estar inaparente em animais criptorquidas. Desta forma, objetivou-se com este estudo relatar o caso de um cão criptorquídico que possuía aumento de volume inguinal com diagnóstico citológico e histopatológico de seminoma. Foi atendido no Hospital Veterinário Universitário Dr. Ivon Macêdo Tabosa um cão, Shih-tzu, macho, 7 anos. Segundo a tutora, o paciente estava apresentando dificuldade progressiva de locomoção dos membros pélvicos havia aproximadamente quatro meses, além de sensibilidade dolorosa em região abdominal e inguinal. Apesar disso, apresentava normodipsia, normúria e normoquesia, porém, hiporexia nos últimos dias. Em exame físico, o cão estava em decúbito esternal, parâmetros vitais sem alterações, mucosas normocoradas, não sendo identificado testículos em bolsa escrotal, presença de aumento de volume em região inguinal direita medindo 7,0cm x 6,0cm, consistência firme, irregular, não ulcerado, aderido à musculatura inguinal e sensibilidade dolorosa exacerbada. Realizou-se punção por agulha fina do aumento de volume para exame citológico, sendo sugestivo de seminoma, além de pesquisa de metástase, não sendo identificadas alterações neoplásicas em outros órgãos. Para tratamento domiciliar, foi prescrito tramadol 5mg/kg (TID), dipirona 25mg/kg (BID) e gabapentina 8mg/kg (BID), com intuito de fornecer analgesia ao paciente. Após orquiectomia terapêutica, o testículo ectópico foi enviado para biópsia, confirmando através da histopatologia o diagnóstico de seminoma. O paciente obteve boa recuperação, até então sem sinais metastáticos. Com isso, destaca-se a importância do histórico clínico aliado ao exame citológico como triagem inicial para determinar e estabelecer melhor conduta. fornecendo melhor prognóstico.

Palavras-chave: Neoplasia; Sensibilidade; Shih-tzu.

MANEJO NUTRICIONAL DA CAQUEXIA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA

Lucas Leite Arruda[1]; Luan Bruno Granja[2]; Marcio Phillip Andrade Correia[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [3] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal da Universidade Federal de Campina Grande
lucasarrudafaculdade@gmail.com

A caquexia oncológica é uma síndrome paraneoplásica marcada pela perda contínua de peso, mesmo com ingestão de nutrientes suficiente. É relacionada a diversos fatores, sendo o principal, a desregulação do metabolismo de carboidratos, proteínas e lipídios. Diante disso, esse trabalho consiste em uma revisão de literatura com o objetivo de reunir informações sobre o manejo dessa condição em gatos, apresentando os sinais clínicos e as estratégias para mitigar seus efeitos. A busca de artigos foi realizada nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, com os descritores: "caquexia felina", "síndrome paraneoplásica em gatos" e "nutrição em câncer felino". Foram incluídas publicações entre 2021 e 2024, priorizando estudos experimentais. Os principais sinais clínicos relatados incluíram a perda de massa muscular e dos estoques de gordura, fraqueza, alterações no apetite e anorexia com redução da qualidade de vida e sobrevida dos pacientes. Nesse contexto, apesar da nutrição não ser considerada um tratamento primário, uma dieta adequada é um fator essencial no manejo dessa condição. Como tratamento, os estudos concordaram na recomendação de uma dieta rica em proteínas, gorduras e ácidos graxos ômega-3, visando preservação da massa muscular e redução da inflamação. Além disso, existem evidências que uma dieta pobre em carboidratos pode ser vantajosa porque as células tumorais apresentam maior dependência da glicose como fonte energética, todavia ainda necessita de mais estudos demonstrando a repercussão clínica desse manejo. Em casos de anorexia ou hiporexia severa, pode-se incluir o suporte farmacológico para estimular a alimentação, principalmente com a mirtazapina e, caso necessário, nutrição via sonda esofágica ou nasogástrica. Contudo, não há estudos sobre o momento ideal do uso de medicamentos ou de sondagem, sendo, portanto, utilizadas as recomendações gerais para outras condições clínicas. Sendo assim, conclui-se que o protocolo nutricional deve ser individualizado para cada paciente, mas que são necessários estudos sobre o manejo nutricional desses felinos, enfocando no estabelecimento de protocolos sustentados em evidências, principalmente no que se relaciona ao momento de sondagem, uma vez que já é claro o impacto dessa medida na sobrevida dos pacientes.

Palavras-chave: Câncer; Felinos; Nutrição.

DISPLASIA DE VALVA TRICÚSPIDE EM CÃO – RELATO DE CASO

Maria Eduarda Sousa Meira[1]; Ingrid Nayara Duarte Azevedo[2]; Laís Caroline Gomes Ramos[2]; Almir Pereira de Souza[3]

[1] Discente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Campus de Patos, PB.
[2] Médica Veterinária com especialização em Clínica Médica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário Universitário Prof. Dr. Ivon Macêdo Tabosa (HVUIMT) da UFCG
[3] Médico Veterinário, Professor do Curso de Medicina Veterinária da UFCG, Campus de Patos – PB.
maria.meira@estudante.ufcg.edu.br

A displasia de valva tricúspide é de caráter congênito, raças grandes possuem predisposição a essa condição, afetando o lado direito do coração, cordas tendíneas, músculos papilares e as válvulas, podendo ser inicialmente assintomática e uma posterior progressão do quadro clínico. Objetivou-se com este trabalho relatar um caso de displasia de valva tricúspide em cadela diagnosticado por ecodopplercardiograma. Foi atendida no HVUIMT/UFCG, uma cadela de dois anos, SRD, pesando 12kg, castrada, com queixa clínica de inapetência, vômito, dificuldade respiratória, intolerância ao exercício e aumento de volume abdominal. No exame físico observou-se frequência cardíaca 120 bpm, frequência respiratória 40 mpm e abdômen distendido. Foram solicitados hemograma e bioquímicas, que revelaram discreta anemia, trombocitopenia e hipoproteinemia leve. A ultrassonografia abdominal evidenciou ascite grave. Logo, realizou-se também a abdominocentese para análise do líquido cavitário, que confirmou a presença de transudato modificado, sugestivo de aumento da pressão venosa decorrente da cardiopatia. Posteriormente foram solicitados eletrocardiograma e ecodopplercardiograma, sendo visualizado sobrecarga do ventrículo direito, insuficiência valvar tricúspide grave e hipertensão pulmonar. Com base nos achados dos exames complementares concluiu-se que o animal era portador de displasia de tricúspide congênita. Iniciou-se o tratamento do paciente com Furosemida 3mg/kg, BID e Espironolactona 2mg/kg, BID, Pimobedan 0,3mg/kg, BID e Sildenafila 2mg/kg, BID. O paciente foi acompanhado ao decorrer das primeiras semanas de tratamento, demonstrando melhora dos sinais clínicos. Conclui-se que a displasia de valva tricúspide é uma doença rara na rotina da veterinária e que com a terapêutica correta e acompanhamento do médico veterinário consegue-se retardar a progressão da doença.

Palavras-chave: Ecodopplercardiograma; Regurgitação; Ventrículo.

HIPERTENSÃO PULMONAR EM PEQUENOS ANIMAIS: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE OS ASPECTOS CLÍNICOS, DIAGNÓSTICOS E TERAPÊUTICOS

Mateus Marques do Nascimento[1]; Arthur Masaharu da Nóbrega Batista[1]; Miriã Mamede Noronha de Souza[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, Paraíba; [2] Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, Paraíba.
mateusmarquessrj@hotmail.com

A hipertensão pulmonar (HP) é um distúrbio hemodinâmico caracterizado pelo aumento anormal e persistente da pressão arterial pulmonar (PAP), secundário a diversas condições cardíacas, respiratórias ou sistêmicas. Embora seja rara em animais, a HP secundária é relativamente comum em cães e, possivelmente, subdiagnosticada em gatos. Este trabalho teve como objetivo revisar os principais aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos. Foi realizada uma revisão de literatura utilizando as bases de dados Google Acadêmico e SciELO, com seleção de artigos publicados entre 2020 e 2025, priorizando estudos experimentais e bibliografias. Fisiologicamente, a circulação pulmonar possui baixa resistência e alta capacitância, sendo regulada por mecanismos que equilibram ventilação e perfusão. No entanto, alterações como hipóxia alveolar, doenças parenquimatosas, embolias e sobrecarga ventricular direita comprometem essa homeostase, elevando a resistência vascular pulmonar (RVP) e promovendo remodelamento cardíaco, com risco progressivo de insuficiência cardíaca direita. Em medicina veterinária, a classificação da HP é adaptada do sistema humano, incluindo seis grupos etiológicos reconhecidos, com destaque para a forma pós-capilar (veias pulmonares) associada à doença cardíaca esquerda e para a forma pré-capilar (artérias e arteríolas pulmonares) causada por tromboembolismo, neoplasias, doenças parasitárias (*Dirofilaria immitis* e *Angiostrongylus vasorum*), endócrinas ou inflamatórias. As manifestações clínicas geralmente estão relacionadas à doença subjacente (pulmonar ou cardíaca). Os sinais variam de assintomáticos a quadros graves com dispneia, síncope e sinais de insuficiência cardíaca congestiva. O diagnóstico se baseia principalmente em ecocardiografia, que permite estimar a PAP e identificar alterações anatômicas secundárias à HP. A abordagem terapêutica foca no controle da causa subjacente e, quando indicado, na administração de sildenafila, um inibidor da fosfodiesterase-5, eficaz na redução da RVP e melhora da qualidade de vida, embora polimorfismos genéticos possam comprometer a sua resposta. A detecção precoce da disfunção ventricular direita, o uso de técnicas ecocardiográficas avançadas e a investigação de novas opções terapêuticas têm se mostrado promissores para o manejo da HP em pequenos animais.

Palavras-chave: Circulação pulmonar; Disfunção ventricular direita; Ecocardiografia; Resistência vascular pulmonar; Sildenafila.

USO DE CANABIDIOL NO CONTROLE DA DOR CRÔNICA EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA

Vitória Tereza André Lima[1]; Xaila Sant' Anna Amaral[1]; Carlos Antonio Lira Felipe Neto[1]; Rony Deivid Soares Santos[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2] Médico Veterinário, Residente em Anestesiologia Veterinária, Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macedo Tabosa, UFCG, Patos, PB.
vitorialima1248@gmail.com

O canabidiol (CBD) é um composto presente na *Cannabis sativa*, planta herbácea estudada por seu potencial terapêutico no alívio de dores neuropáticas, inflamatórias e oncológicas. Contudo, o uso recreativo da planta gerou restrições legais quanto ao seu cultivo, dificultando pesquisas, especialmente em modelos animais como os felinos. Este trabalho objetiva discutir o uso do CBD no manejo da dor crônica em gatos. Para isso, foram consultados artigos científicos e relatos de caso, disponíveis nas plataformas Periódicos CAPES, ScienceDirect e PubMed, publicados entre os anos de 2022 a 2025. Os descritores utilizados foram "*Cannabis* medicinal", "dor crônica em felinos" e "sistema endocanabinoide". O sistema endocanabinoide, composto pelos receptores CB1 e CB2, endocanabinoides endógenos e enzimas relacionadas, atua na modulação da dor e na manutenção da homeostase. O CBD tem mostrado eficácia no controle de dores crônicas e refratárias, como osteoartrite, neoplasias e neuropatias, além de exercer efeito ansiolítico. Por outro lado, a escassez de estudos do uso da substância em gatos, gera insegurança nos médicos veterinários, e por isso, a prescrição por esses profissionais não é tão difundida. Os efeitos adversos do CBD nos gatos, até o momento, não são bem elucidados, porém, há relatos de lambedura excessiva e balançar de cabeça. Seu mecanismo de ação é indireto sobre os receptores CB1 e CB2, o que reduz o risco de efeitos psicoativos. Também há interação com receptores opioides, potencializando a ação analgésica e anti-inflamatória. Em felinos, os receptores CB1 e CB2 estão presentes em tecidos como trato gastrointestinal, sistema nervoso e células imunes, o que sugere aplicações do CBD no controle de dores viscerais, náuseas e vômitos. Apesar da boa tolerância ao composto, ainda não há padronização de dose, sendo necessária adaptação individual, acompanhada por monitoramento clínico. Conclui-se que o CBD é uma alternativa promissora no tratamento da dor crônica em gatos, devido às suas propriedades analgésica, anti-inflamatória e ansiolítica mediadas pelo sistema endocanabinoide. No entanto, mais estudos são necessários para esclarecer os mecanismos envolvidos, estabelecer protocolos seguros e avaliar possíveis efeitos adversos em longo prazo.

Palavras-chave: Analgesia; *Cannabis sativa*; Endocanabinoides; Felinos.

USO DE CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS DE TECIDO ADIPOSO NO TRATAMENTO DE CERATOCONJUNTIVITE SECA EM CÃES – REVISÃO DE LITERATURA SOBRE EFICÁCIA

Lucas Leite Arruda[1]; Luan Bruno Granja[2]; Maria Gabriela Sousa Ernesto[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB.
[2] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB.
[3] Médica-veterinária do Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macêdo Tabosa.
lucasarrudafaculdade@gmail.com

Ceratoconjuntivite seca (CCS), conhecida como doença do olho seco, é uma das afecções mais comuns na oftalmologia em cães. Acomete o sistema lacrimal, podendo diminuir a produção da lágrima ou desequilibrar sua composição, provocando ressecamento do olho, dor ocular, hiperemia conjuntival, hiperpigmentação, neovascularização, podendo ter úlcera de córnea. Embora os mecanismos patogênicos desencadeadores da doença ainda não estejam bem elucidados, existem evidências que sugerem que a maioria dos casos tem um processo imunomediado como desencadeador, através de citocinas e receptores que afetam a glândula lacrimal e a superfície ocular. Diante disso, esse trabalho consiste em uma revisão de literatura com o objetivo de reunir informações sobre uma nova alternativa para o tratamento dessa condição, por meio do uso de células tronco mesenquimais, apresentando os resultados obtidos por meio dessa terapia. A busca de artigos, foi realizada nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, com os descritores: "ceratoconjuntivite seca", "doença do olho seco em cães" e "células tronco". Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2024, priorizando estudos experimentais. Nos trabalhos consultados, foram tratados cães com CCS, que eram refratários a tratamentos convencionais, por meio de células tronco mesenquimais de tecido adiposo, que foram implantadas ao redor das glândulas lacrimais. Ao fim dos tratamentos, que em média levaram 6 meses, houve um aumento significativo na produção da lágrima, medido por meio do teste lacrimal de Schirmer. Foi observado também redução significativa nas áreas de hiperemia conjuntival e alterações de córnea, sem registro de complicações locais ou sistêmicas. Os estudos concordam que o uso de células tronco mesenquimais derivadas de tecido adiposo é segura e eficaz no combate à CCS, promovendo melhora da produção lacrimal e dos sinais clínicos. No entanto, existem barreiras para esse tipo de tratamento, pois, embora o tecido adiposo seja de fácil acesso, é necessário um laboratório especializado para promover a viabilidade celular. Portanto, apesar de ser uma opção inovadora e eficaz no tratamento de CCS, é uma terapia que tem suas limitações que precisam ser elucidadas para se tornar rotina na clínica médica de cães.

Palavras-chave: Doença do olho seco; Oftalmologia veterinária; Terapia celular.

USO DE TACROLIMUS EM BLEFARITE ULCERATIVA ASSOCIADA A LEISHMANIOSE EM CÃO: RELATO DE CASO

Hilda Cristina Oliveira de Azevedo[1]; Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3]; Elaine Silva Dantas[4]

[1]Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV); [2] Médico Veterinário responsável pelo caso clínico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [3] Médico Veterinário responsável Técnico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [4] Médica Veterinária - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT).
hilda03oliveira@gmail.com

A leishmaniose é uma doença infecciosa grave e endêmica no Brasil, de caráter multissistêmico, afeta órgãos como baço, fígado, medula óssea, rins, e, principalmente, a pele. Este trabalho visa descrever a evolução clínica de um cão diagnosticado com a doença, com histórico de ciclos pregressos de terapia leishmanicida (Miltefosina) e uso contínuo de Alopurinol. As manifestações cutâneas, em especial a blefarite ulcerativa, não apresentavam regressão clínica com a terapia vigente. Dessa forma, optou-se pela terapia tópica com Tacrolimus a 0,1%, utilizada como monoterapia para o manejo das lesões ulcerativas. O paciente, um cão da raça Shih Tzu, cinco anos de idade, apresentava hipotricose, áreas de franca alopecia, pelame seco, eriçado, opaco, facilmente epilável, dermatite esfoliativa e pododermatite ulcerativa. Na região periocular, havia lesões erodo-ulcerativas em ângulo medial de ambos os olhos com destruição parcial do tarso palpebral, secreção serossanguinolenta e prurido intenso. A leishmaniose pode desencadear distúrbios imunológicos, com o acúmulo de imunocomplexos e deposição em múltiplos tecidos, incluindo os vasos sanguíneos da pele, resultando em vasculite imunomediada, necrose e ulcerações de difícil cicatrização. O Tacrolimus, inibidor da transcrição do primeiro sinal de ativação dos linfócitos T, é utilizado como imunossupressor e não apresenta toxicidade corneana, podendo ser usado de modo seguro na região das pálpebras/periocular. Após três semanas de tratamento (BID, aplicado sobre o leito da lesão), observou-se resolução completa das lesões. Para estadiamento clínico, foram realizados: ELISA (reagente), PCR quantitativo (detectado), imunofluorescência indireta (reagente), ultrassonografia, hemograma, exames bioquímicos (perfil renal e hepático) e painel inflamatório (Proteína C Reativa). Também foi coletado material da lesão periocular para histopatologia, que confirmou a presença de formas amastigotas de *Leishmania spp*. O tratamento multimodal resultou em melhora clínica expressiva, reforçando o potencial do Tacrolimus como opção tópica eficaz e segura no controle de lesões ulcerativas perioculares associadas à leishmaniose.

Palavras-chave: Cães; Dermatoses; Úlceras.

OSTEOSSARCOMA EXTRA-ESQUELÉTICO NA REGIÃO MAMÁRIA EM CADELA – RELATO DE CASO

Laura Maria Azevêdo de Figueiredo[1]; Maria Gabriela Sousa Ernesto[2]; Márcio Phillip Andrade Correira[2]; Almir Pereira de Souza[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB; [2] Residente do Hospital Veterinário da Universidade de Campina Grande, Patos, PB; [3] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal da Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB; [4] Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
laurafgrd.22@gmail.com

O osteossarcoma é uma neoplasia maligna originada por osteoblastos, que tipicamente acomete o esqueleto apendicular de cães que possuem raças de grande porte, com alto índice de metástase. Entretanto, o osteossarcoma extra-esquelético é definido como uma neoplasia mesenquimal maligna de tecidos moles, com incidência rara nas espécies de animais domésticos e prognóstico desfavorável. Isso posto, objetiva-se relatar um caso de uma cadela atendida no Hospital Veterinário Universitário da UFCG descrevendo seus aspectos clínicos, métodos de diagnóstico e tratamento efetuado. Foi atendido um canino, fêmea, com 10 anos de idade, Poodle, pesando 4,5kg e castrada. Na anamnese, relatou-se que há aproximadamente 2 anos foi observado um aumento de volume na região mamária com crescimento progressivo, evoluindo para um nódulo ulcerado há cerca de 1 mês. No exame físico, foi constatada a presença de nódulo em região de mama torácica II direita, não aderido, apresentando consistência firme, presença de micro nodulações internamente, não ulcerado e alopécico. Nódulo em região de mama abdominal II direita medindo 4,73*3,61*6,15cm, não aderido, apresentando consistência firme, ulcerado, drenando secreção serosanguinolenta, alopécico e com presença de ulceração central deprimida focalmente extensa com coloração vermelha associada com úlcera sobreposta de coloração vermelho escuro com formato irregular e encapsulado, revelando bordas avermelhadas. Além disso, o animal também apresentou vulva edemaciada, drenando discreta secreção. Foram solicitados hemograma, biquímicas séricas, citologia (PAF) e exames complementares de imagem como radiografia torácica e ultrassonografia abdominal para pesquisa de metástase. A radiografia não apresentou alterações, já na ultrassonografia, foram observadas esplenomegalia infiltrativa, hepatopatia e um possível processo infeccioso uterino. O resultado da citologia foi inconclusivo. Dessa forma, após o diagnóstico de piometra, o animal foi encaminhado ao setor cirúrgico para a realização da ovariohisterectomia, sendo também indicada a mastectomia. A partir do material coletado na região mamária para exame histopatológico (biópsia), o animal apresentou como diagnóstico definitivo, osteossarcoma extra esquelético. Conclui-se que, o presente caso trata-se de uma rara apresentação do osteossarcoma extra esquelético, de evolução agressiva. Sendo fundamental acrescentar no raciocínio clínico, a neoplasia como diagnóstico diferencial, oferecendo um diagnóstico precoce para melhores respostas no tratamento cirúrgico, ampliando a sobrevida do paciente.

Palavras-chave: Neoplasia óssea; Oncologia; Sarcoma.

COMPLEXO FOLICULITE FURUNCULOSE EOSINOFÍLICO DIAGNOSTICADO CÃO DA RAÇA GOLDEN RETRIEVER: RELATO DE CASO

Hilda Cristina Oliveira de Azevedo[1]; Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3]; Rossandra dos Santos Lucena[4]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV); [2]Médico veterinário responsável pelo caso clínico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [3] Médico veterinário responsável Técnico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [4] Médica veterinária - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT).
hilda03oliveira@gmail.com

As variadas dermatoses de superfície, superficiais e profundas, cada vez mais frequentes na prática clínica de cães e gatos, representam um desafio para os médicos veterinários devido à similaridade da morfologia lesional. O complexo foliculite-furunculose bacteriano (CFFB) é uma piodermite cujo agente infeccioso é o *Staphylococcus pseudintermedius*. Acredita-se em predisposição genética associada à deficiência de linfócitos T. A infecção geralmente origina-se em folículos pilosos superficiais. Após a ruptura do folículo, a queratina dispersa na derme profunda estimula e intensifica o processo inflamatório, desencadeando uma reação do tipo corpo estranho clássica, que se configura como uma dermatose profunda. É importante citar ainda o potencial zoonótico do *S. pseudintermedius*, relacionado a infecções sinonasais em tutores e profissionais da área. Objetiva-se com este relato fornecer dados sobre as características clínicas, de diagnóstico e medidas terapêuticas aplicadas a um caso de CFFB. Atendeu-se em uma clínica na cidade de Patos-PB um cão macho, Golden Retriever, de 1 ano e 10 meses. Ao exame físico, evidenciou-se lesões disqueratinizantes e hiperqueratose no plano nasal, com base ulcerativa e extensão periocular, além de sangramento à mínima manipulação e prurido leve. Múltiplas lesões gomosas de superfície lisa, róseas, solitárias e não coalescentes; nódulos macios, solitários, enegrecidos; e lesões ulceradas encimadas por crostas hemáticas. Foram realizadas duas testagens seriadas para leishmaniose (Teste Rápido Imunocromatográfico e ELISA), ambas não reagentes. Três fragmentos de pele foram submetidos a exame histopatológico, tendo como diagnóstico presuntivo dermatite intersticial perianexial neutrofílica e eosinofílica, associada a complexos de foliculite-furunculose com infiltrado eosinofílico. O tratamento tópico inicial consistiu no emprego de antimicrobianos e corticosteroides a base de ácido fusídico e valerato de betametasona (20 mg/g/BID/15d.); ômega-3 oral (SID/60d.); meloxicam (SID/3d). Posteriormente, foi prescrito prednisolona (SID/10d.); e pomada com succinato de fluocinolona a 0,025% no intuito de promover atrofia cutânea das lesões cicatriciais em alto relevo residuais. Observou-se resolução completa das lesões com repilação total. Este caso, portanto, reforça a importância de considerar o complexo foliculite-furunculose como hipótese diagnóstica, mesmo em raças onde o CFFB não é comumente relatado na literatura.

Palavras-chave: Cães; Dermatologia; Dermatoses.

INSUFICIÊNCIA PANCREÁTICA EXÓCRINA EM CADELA SEM RAÇA DEFINIDA: RELATO DE CASO

Hilda Cristina Oliveira de Azevedo[1]; Mayarla Maria Sousa Landim Pinheiro Guedes[1]; Bruno Henrique Rodrigues do Nascimento[2]; Leonardo Mendes Torres[3]; Elaine Silva Dantas[4]

[1]Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV); [2]Médico Veterinário responsável pelo caso clínico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [3]Médico Veterinário responsável Técnico - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT); [4]Médica Veterinária - Centro Médico Veterinário Doutor Leonardo Torres (CMVLT).
hilda03oliveira@gmail.com

A insuficiência pancreática exócrina (IPE) é uma condição grave caracterizada pela perda de mais de 90% da função do tecido acinar pancreático, resultando em deficiência na produção de enzimas digestivas, especialmente as relacionadas ao metabolismo lipídico. Trata-se de uma enfermidade incurável, com manifestações clínicas severas quando não tratada de forma adequada. Este relato descreve o caso de uma cadela sem raça definida (SRD), com um ano de idade, castrada, domiciliada, vacinada e vermifugada, atendida em uma clínica veterinária em Patos-PB. Segundo a tutora, o animal apresentava, há cerca de 15 dias, fezes pastosas e volumosas (score fecal 1), com coloração esverdeada a amarelada, presença de muco, odor fétido, flatulência acentuada e evacuação precoce após a alimentação. Além disso, foram relatados três episódios de vômito amarelado, polifagia, parorexia e hiperreatividade. Ao exame físico, observaram-se escore corporal 2 (escala 1–9), mucosas hipocoradas, desidratação (7%), seborreia oleosa, queda de pelos, saliva espessa e borborigmos abdominais. Exames complementares incluíram hemograma, bioquímica hepática e renal, coproparasitológico seriado e pesquisa de hemoparasitas. Os achados relevantes foram fezes com gordura visível, ausência de parasitas, aumento da relação albumina/globulina (1,7), hipertrigliceridemia e soro lipêmico. O diagnóstico terapêutico de IPE foi estabelecido com reposição enzimática pancreática (pancreatina administrada junto às refeições, ajustada conforme resposta clínica), antibiótico (tartarato de tilosina 20 mg/kg/BID/20d.) e dieta com baixo teor de gordura. Suplementação com vitaminas do complexo B, ácido fólico e ômega 3. Recomendou-se dosagem de imunorreatividade semelhante à tripsina sérica (TLI), vitamina B12 e monitoramento de colesterol, triglicerídeos, albumina, globulina, ureia e parasitológico de fezes. Após seis horas da primeira administração de pancreatina, houve melhora do escore fecal (entre 3 e 4). Fez parte da conduta clínica o uso de Trazodona (7,5 mg/kg/BID/30d.) com o objetivo de melhorar o quadro comportamental, também relacionado à doença. A paciente segue em acompanhamento, com necessidade de suporte terapêutico contínuo. O caso reforça a importância de considerar a IPE como diagnóstico diferencial em cães com alteração do *score* fecal, vômitos e emagrecimento, além de más condições do pelame e da pele.

Palavras-chave: Cães; Diarreia; Imunopatia.

DIAGNÓSTICO POR IMAGEM

USO DA ULTRASSONOGRAFIA NO DIAGNÓSTICO DE ANASARCA FETAL EM YORKSHIRE TERRIER: RELATO DE CASO

Anna Jamily Silva Ramalho Martins[1]; Yasmin da Silva Oliveira[1]; Taynara Graziela Matias dos Santos[1]; Daniel Oliveira Macêdo[2]; Ryama Andrade Martins Caetano[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB, Brasil; [2]Médico Veterinário, Residente do setor de Diagnóstico por Imagem, Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macedo Tabosa (HVUIMT), UFCG, CSTR, Patos, PB, Brasil; [3]Médica Veterinária, Residente do setor de Clínica Médica de Pequenos Animais, Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macedo Tabosa (HVUIMT), UFCG, CSTR, Patos, PB, Brasil.
anna.jamily@estudante.ufcg.edu.br

A anasarca ou hidropsia fetal é uma condição rara em cães, caracterizada pelo acúmulo generalizado de líquido em região subcutânea e cavidades, resultando edema excessivo do volume fetal e risco de distocia obstrutiva durante o parto, podendo estar frequentemente associada a fatores genéticos ou congênitos. O diagnóstico da condição geralmente é por meio de ultrassonografia obstétrica, permitindo a identificação de edema subcutâneo, efusões cavitárias e outras alterações compatíveis. Objetiva-se descrever o atendimento de uma cadela da raça Yorkshire Terrier, 8 anos, 5.6 kg, atendida no HVUIMT-UFCG/CSTR-UFCG com idade gestacional de aproximadamente 57 dias, sendo esta sua quarta gestação. A tutora relatou a administração de sulfamidas durante a gestação e o uso de dimenidrinato para conter episódios de êmese intensa e escurecida, observadas na véspera da consulta. Além disso, a paciente apresentou eliminação de um feto morto e secreção vaginal amarronzada e fétida, persistente por mais de uma semana. Ao exame físico, observou-se que a cadela permanecia em estação, mas com apatia, mucosa oral hipocorada, taquicardia (148 bpm), TC 2", abdome rígido, temperatura retal de 37,9°C e desidratação moderada (6%). A avaliação ultrassonográfica evidenciou que o útero apresentava dimensões aumentadas com presença de três estruturas fetais, sendo uma com acúmulo anormal de fluidos em cavidades torácica e abdominal, indicando efusão pleural e peritoneal e apresentou frequências cardíacas fetais rítmicas de 227 bpm, 192 bpm e 189 bpm. Diante do quadro clínico e ultrassonográfico de anasarca, optou-se por intervenção cirúrgica de emergência. Foi realizada cesariana, onde na avaliação de um feto foi revelado edema generalizado visível, confirmando o diagnóstico prévio de anasarca fetal. O pós-operatório incluiu suporte clínico, analgesia e antibioticoterapia, para recuperação da paciente. Neste caso, a utilização da ultrassonografia foi determinante para o diagnóstico precoce da condição de anasarca fetal e tomada de decisão cirúrgica imediata, reduzindo complicações, como o risco do feto com anasarca provocar a obstrução do canal de parto e comprometer toda a ninhada. Esse caso reforça a importância do acompanhamento pré-natal, por meio de exames de imagem, visando a identificação de anomalias fetais e a prevenção de complicações perinatais garantindo a segurança materno-fetal.

Palavras-chave: Canina; Edema; Feto; Hidropsia; Obstetrícia.

EFUSÃO PERICÁRDICA E PLEURAL SECUNDÁRIAS À INSUFICIÊNCIA CARDÍACA CONGESTIVA DIREITA EM CANINO – RELATO DE CASO

Yasmin da Silva Oliveira[1]; Anna Jamily Silva Ramalho Martins[1]; Brendha Barreira Ramalho[1]; Daniel Oliveira Macêdo[2]; Maria Gabriela Sousa Ernesto[2]

[1]Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos, PB.
[2]Médico(a) Veterinário(a) Residente no Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macêdo Tabosa (HVU), Patos, PB.
yasmin.s.oliveira@estudante.ufcg.edu.br

A efusão pericárdica é o acúmulo de líquido no saco pericárdico, assim como a efusão pleural, que é o acúmulo de líquido no espaço pleural. Ambas as condições podem ser decorrentes de cardiopatias, como a insuficiência cardíaca congestiva (ICC), bem como de processos inflamatórios ou neoplásicos. Os principais sinais clínicos são dispneia, intolerância ao exercício e tosse, sinais relacionados ao tamponamento cardíaco e comprometimento respiratório. Diagnóstico pode ser confirmado com auxílio de radiografia e ultrassonografia torácica. Portanto, esse estudo visa relatar a conduta diagnóstica de um canino, SRD, 10 anos, 18,900kg atendido no HVUIMT-UFCG/CSTR com histórico de cardiopatia e uso de furosemida por tempo indeterminado. Animal apresentava hiporexia, hiperdipsia, emese, letargia e marcha instável. Ao exame físico apresentou dispneia mista, mucosas normocoradas, caquexia, TR 37,5°C, FC 164 bpm, FR 40 mpm, TPC 2", TC 3", GD moderado (8%) e abdome abaulado. Auscultação cardiopulmonar com frêmito, arritmia e sopro. Ultrassonografia torácica evidenciou espaço pleural com conteúdo anecogênico e homogêneo em porção cranial do tórax bilateral, e notou-se conteúdo anecogênico e homogêneo entre saco pericárdico e coração. Esses achados são compatíveis com efusão pleural e efusão pericárdica, respectivamente. Ultrassonografia abdominal evidenciou fígado com dimensões aumentadas, bordos arredondados, ecogenicidade mantida e ecotextura homogênea, calibre vascular aumentado e trajeto preservado, compatível com hepatomegalia e congestão hepática. Vesícula biliar com paredes espessas e regulares assumindo aspecto de dupla camada, medindo aproximadamente 0,42cm, compatível com edema de vesícula biliar, achado sugestivo de ICC direita. E presença de líquido livre em flanco esquerdo, compatível com ascite. Toracocentese, pericardiocentese e abdominocentese evidenciaram líquido compatível com transudato simples. Esses achados podem sugerir ICC direita. Radiografia evidenciou aumento da radiopacidade água em sobreposição a topografia de silhueta cardíaca, assumindo aspecto globoso e dimensões aumentadas, compatíveis com cardiomegalia generalizada severa ou efusão pericárdica. O diagnóstico final foi ICC direita que evoluiu para efusão pericárdica e pleural. O prognóstico foi reservado, e tratamento incluiu furosemida (3mg/kg/BID), espironolactona (2mg/kg/BID), benazepril (10mg/kg/BID), digoxina (0,25mg/kg/BID) e diltiazem (30mg/kg/TID). Este caso ressalta a importância da ultrassonografia e radiografia na detecção e monitoramento de algumas cardiopatias, como ICC, permitindo um diagnóstico preciso e direcionamento adequado do tratamento.

Palavras-chave: Ascite; Pericárdio; Ultrassonografia.

ACHADOS ULTRASSONOGRÁFICOS COMPATÍVEIS COM INFARTO RENAL AGUDO EM CADELA: RELATO DE CASO

Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Francyberg Vaz Barbosa[1]; Erika Juliana Gomes de Oliveira[2]; Marilia Gabriele Prado Albuquerque Ferreira[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos-PB; [2] Médica Veterinária, doutoranda em Ciências Veterinárias do Semiárido, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), especializada em Diagnóstico por Imagem de Pequenos Animais; [3] Médica Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
alexandre.freitas@estudante.ufcg.edu.br

O infarto renal (IR) é uma condição incomum, resultante da obstrução súbita do fluxo sanguíneo na vasculatura renal. Devido à baixa incidência e à apresentação clínica inespecífica, o diagnóstico frequentemente ocorre de forma tardia ou equivocada, o que pode acarretar lesões irreversíveis no parênquima renal ou favorecer eventos embólicos em outros órgãos. A ultrassonografia abdominal, especialmente com o uso do modo Doppler, permite a identificação de alterações parenquimatosas compatíveis com processos isquêmicos. Relata-se o caso de uma cadela sem raça definida, com 8 anos de idade, apresentando quadro de êmese, inapetência, apatia e desidratação, associados a alterações hematológicas (trombocitopenia e leucopenia) e azotemia (creatinina: 4,98 mg/dL; ureia: 168,3 mg/dL). A paciente foi encaminhada para avaliação ultrassonográfica, que identificou alterações no rim esquerdo. O órgão apresentava contornos regulares, cápsula íntegra, ecotextura preservada e dimensões de 8,97 cm no maior eixo. No polo cranial do córtex renal esquerdo, observou-se área hipoecogênica, arredondada, bem delimitada, compatível com edema intersticial ou infarto agudo, padrão semelhante ao descrito em trabalhos sobre infarto renal agudo. A pelve renal apresentava discreta dilatação (0,66 cm), sem alterações medulares. O rim direito apresentou dimensões de 7,51 cm no maior eixo e não apresentava alterações ultrassonográficas. No primeiro exame, o aparelho disponível não dispunha do modo Doppler, razão pela qual não foi possível mensurar o índice de resistividade renal. Na reavaliação realizada 30 dias depois, verificou-se aumento da ecogenicidade na área previamente descrita, compatível com infarto renal crônico ou fibrose focal. Identificou-se ainda esplenomegalia associada a estrutura hiperecogênica, amorfa e não sombreada, medindo 0,77 cm, ocluindo a artéria esplênica, com irrigação compensatória mantida por vasos colaterais ao Doppler. Embora a paciente tenha evoluído a óbito, os achados ultrassonográficos permanecem sugestivos de evento isquêmico renal. Estudos indicam que, em até 27 dias, áreas de infarto renal evoluem com aumento da ecogenicidade à ultrassonografia, compatível com fibrose. Esse padrão é condizente com os achados do presente relato, sugerindo infarto agudo com evolução para lesão crônica. O achado esplênico sugere um processo embólico multifocal, com manifestação renal inicial. Até a elaboração deste relato, os laudos necroscópico e histopatológico não haviam sido concluídos.

Palavras-chave: Ecogenicidade; Evento agudo; Isquemia renal; Parênquima renal; Ultrassonografia.

OSTEOPATIA HIPERTRÓFICA EM CÃO COM LINFOMA CUTÂNEO: RELATO DE CASO RADIOGRÁFICO SEM ALTERAÇÕES TORÁCICAS EVIDENTES

Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Francyberg Vaz Barbosa[1]; Erika Juliana Gomes de Oliveira[2]; Marilia Gabriele Prado Albuquerque Ferreira[3]

[1]Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos-PB.
[2]Médica Veterinária, doutoranda em Ciências Veterinárias do Semiárido, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), especializada em Diagnóstico por Imagem de Pequenos Animais.
[3] Médica Veterinária, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
alexandre.freitas@estudante.ufcg.edu.br

A osteopatia hipertrófica (OH) é uma condição proliferativa periosteal, bilateral e simétrica, geralmente associada a afecções torácicas, como neoplasias pulmonares primárias ou metastáticas. Há relatos de OH em cães com carcinoma mamário, neoplasia de bexiga, pneumonias e abcessos torácicos. No entanto, não foram encontrados registros que associem a ocorrência da OH a neoplasias hematopoiéticas. Relata-se o caso de um cão sem raça definida, com 12 anos de idade, apresentando múltiplas nodulações cutâneas, cuja análise histopatológica foi compatível com linfoma cutâneo não epiteliotrópico. No momento do atendimento inicial, o animal demonstrava dificuldade de locomoção, dificuldade para se levantar, atrofia bilateral da musculatura dos membros pélvicos e claudicação, iniciada concomitantemente ao aparecimento dos nódulos. Diante da suspeita clínica de doença articular degenerativa (DAD), realizou-se radiografias dos membros torácicos e pélvicos para investigação de possíveis alterações ósseas. As imagens revelaram espessamento regular e reação periosteal de padrão lamelar envolvendo as diáfises distais dos ossos longos de todos os membros, além dos dígitos, metacarpos e metatarsos, com distribuição bilateral, achados fortemente sugestivos de osteopatia hipertrófica. Não foram observadas lesões osteolíticas, fraturas ou alterações articulares compatíveis com DAD. Também foram realizadas radiografias torácicas que não evidenciaram alterações sugestivas de processos infecciosos e/ou inflamatórios evidentes ou envolvimento neoplásico pulmonar. O quadro clínico evoluiu rapidamente, com piora sistêmica e óbito do paciente por causas não diretamente relacionadas à OH. A presença de OH em um cão com linfoma cutâneo levanta a hipótese do envolvimento de mecanismos paraneoplásicos, possivelmente mediados por fatores de crescimento ou por alterações vasculares induzidas pela neoplasia. Embora lesões menores que 0,3 cm não sejam evidenciadas ao exame radiográfico, a OH está classicamente associada a alterações intratorácicas visíveis na radiografia. Isso reforça a importância da avaliação radiográfica detalhada, quando indicada, em pacientes oncológicos. No presente caso, a radiografia foi fundamental para identificar achados compatíveis com OH, ampliando o conhecimento sobre osteopatia hipertrófica e sugerindo possível associação com linfoma cutâneo em cães, contribuindo para o diagnóstico diferencial e investigação de síndromes paraneoplásicas.

Palavras-chave: Doenças osteoproliferativas; Imagem veterinária; Neoplasia hematopoiética; Paraneoplasia; Reação periosteal.

DESCRIÇÃO DOS ACHADOS ULTRASSONOGRÁFICOS DE PSEUDOCISTOS RENAIS SUBCAPSULARES BILATERAIS EM FELINO: RELATO DE CASO

Alexandre Freitas de Souza Júnior[1]; Francyberg Vaz Barbosa[1]; Amanda Carneiro Cardoso[2]; Ana Laura Freitas Alencar[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (UAMV), Patos-PB; [2] Médica Veterinária, doutoranda em Ciências Veterinárias do Semiárido, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), especializada em Diagnóstico por Imagem de Pequenos Animais; [3] Médica Veterinária, mestranda em Ciências Veterinárias do Semiárido, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), especializada em Diagnóstico por Imagem de Pequenos Animais.
alexandre.freitas@estudante.ufcg.edu.br

Pseudocistos renais subcapsulares consistem em acúmulo de fluido anecogênico localizado entre a cápsula renal e o parênquima, sendo uma condição raramente descrita em felinos. Sua origem pode estar associada ao acúmulo de transudato secundário ao aumento da pressão hidrostática, obstrução linfática ou ruptura de cistos renais. O conteúdo desses pseudocistos é, geralmente, um transudato de baixo teor proteico, baixa densidade e escassa celularidade. Relata-se o caso de um felino sem raça definida, 14 anos de idade, encaminhado para avaliação ultrassonográfica abdominal devido a aumento bilateral da topografia renal, associado a disúria e hematúria. Na avaliação ultrassonográfica, o rim esquerdo apresentava formato preservado, dimensões de 3,64 cm no maior eixo e perda da diferenciação corticomedular. Entre o parênquima e a cápsula renal, observou-se acúmulo anecogênico compatível com pseudocisto subcapsular, medindo 8,82 x 7,44 cm. O rim direito apresentava formato preservado, dimensões de 4,14 cm no maior eixo, margens irregulares e perda da diferenciação corticomedular. Também se observou conteúdo anecogênico, medindo 7,85 x 6,89 cm, promovendo discreto deslocamento capsular. Após sedação, foi realizada drenagem percutânea ecoguiada visando estabilização clínica, uma vez que outras abordagens não eram viáveis no momento. Não foram realizados exames laboratoriais do conteúdo drenado devido à limitação financeira do tutor. Na reavaliação ultrassonográfica, realizada após 30 dias, observou-se redução dos acúmulos anecogênicos. O rim esquerdo apresentava dimensões de 3,27 cm, com acúmulo subcapsular de 5,48 x 3,57 cm. O rim direito mediu 3,46 cm e conteúdo subcapsular de 5,44 x 4,33 cm. A perda da diferenciação corticomedular pode estar associada à compressão crônica do parênquima renal pelos pseudocistos ou à presença de lesão renal concomitante. A ausência de sinais infecciosos sistêmicos, trauma ou histórico de doença renal policística dificulta a definição da causa primária. Apesar das limitações, foi possível monitorar a evolução da condição e observar resposta positiva à drenagem. O caso relatado reforça a importância da ultrassonografia no diagnóstico e acompanhamento de alterações renais em felinos. Destaca-se a importância de exames complementares para elucidação etiológica e manejo adequado, especialmente em pacientes geriátricos com sinais urinários atípicos.

Palavras-chave: Diagnóstico por imagem; Disúria; Rins.

PATOLOGIA ANIMAL

LESÕES PULMONARES ASSOCIADAS À *Dirofilaria immitis* EM ANIMAIS DE COMPANHIA

Edivaldo Santana Da Silva Segundo[1]; Francisco Abner dos Santos Barbosa[1]; Daniel Nóbrega Ferreira Campos Filho[1]; Marcos Vinicius Vidal Silva[1]; Clarice Carvalho Maia de Queiroz[2]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR), Patos, PB; [2] Médica Veterinária autônoma, Patos, PB.
edivaldoosantanaa7@gmail.com

A infecção por *Dirofilaria immitis*, agente etiológico da dirofilariose, representa uma importante enfermidade parasitária de caráter zoonótico, com crescente incidência em animais de companhia, principalmente cães, e com manifestações pulmonares frequentemente subestimadas. O reconhecimento das lesões pulmonares associada a esse nematoide é essencial para o diagnóstico diferencial com doenças respiratórias inflamatórias e neoplásicas, além de fornecer subsídios à compreensão de sua patogenia. Esta revisão teve como objetivo descrever e analisar os principais achados anatopatológicos identificados em pulmões de cães e gatos acometidos por *D. immitis*. Para isso, foram consultados artigos científicos indexados em bases como SciELO, Google Scholar e ResearchGate, além de estudos acadêmicos brasileiros, priorizando publicações que abordaram achados histopatológicos pulmonares em infecções naturais, com ênfase em trabalhos publicados entre 2000 e 2024. Entre os estudos selecionados, destaca-se uma investigação realizada no estado do Rio de Janeiro, que analisou microscopia pulmonar de 33 cães naturalmente infectados, revelando alterações inflamatórias e vasculares amplamente distribuídas. As lesões mais prevalentes no parênquima incluíram pneumonia intersticial crônica, infartos pulmonares, bronquite, fibrose alveolar, granulomas contendo microfilárias e hipertrofia do músculo de Reissenssen. Nos vasos pulmonares, observaram-se tromboses, arterites com projeções vilosas da túnica íntima, hialinização da parede, esclerose e pseudoaneurismas, frequentemente associadas à presença de vermes adultos. Em gatos, mesmo em infecções com poucos parasitas, a resposta inflamatória pode ser intensa, com formação de nódulos que mimetizam neoplasias. A participação da bactéria endossimbionte *Wolbachia* na modulação da resposta inflamatória também tem sido relatada como fator agravante das lesões. Conclui-se que as alterações pulmonares associadas à *D. immitis* são extensas, multifatoriais e clinicamente relevantes, sendo o exame histopatológico uma ferramenta para o diagnóstico e compreensão da fisiopatologia da doença.

Palavras-chave: Cão; Dirofilariose; Gato; Pulmões.

PATOLOGIA CLÍNICA

ASPECTOS LABORATORIAIS DA TROMBOCITOPENIA IMUNOMEDIADA

Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Emanuelle Emmely Silva Leite[1]; Mayara Almeida da Silva[2]; Matheus Ferreira Lourenço[2]; Márcio Eduardo Melo Benvenutti[3]

[1]Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); [2]Residente de Patologia Clínica Veterinária do Hospital Veterinário Universitário, UFCG; [3]Médico Veterinário do Hospital Veterinário Universitário, UFCG.
kennedyceres11@gmail.com

A trombocitopenia imunomediada (TIM) é o distúrbio hemostático caracterizado pela lise de plaquetas por anticorpos do sistema imunológico do animal, onde seu organismo não reconhece essas plaquetas como próprias, fazendo o animal constantemente apresentar esses valores hematológicos fora dos parâmetros de normalidade. Quanto à classificação, pode haver a TIM primária (idiopática) ou secundária (associada a infecções, neoplasias ou fármacos). Nesse contexto, o diagnóstico laboratorial se faz necessário para auxiliar na detecção da TIM, visto que pode ser confundida com outros distúrbios que causam a diminuição plaquetária. Com o objetivo de detalhar os aspectos laboratoriais da TIM foi realizada uma revisão de literatura do tipo narrativa usando as bases de dados de artigos científicos, livros-texto e revisões bibliográficas de Universidades como a Técnica de Lisboa e Santo Amaro. O diagnóstico da TIM baseia-se na exclusão de outras causas de trombocitopenia. Segundo estudos, o hemograma de animais com o distúrbio revela a contagem plaquetária abaixo de 50.000/µL, podendo haver anemia em casos associados à hemorragia ou anemia hemolítica imunomediada. Testes como ELISA e fluxocitometria se mostram eficientes, pois promovem a detecção de anticorpos antiplaquetários, porém podem apresentar limitações (sensibilidade e especificidade). O uso da imunofluorescência utilizando aspirados de medula óssea pode mostrar a presença de anticorpos que atuam contra os megacariócitos. A TIM secundária exige investigação mais profunda, sendo necessário observar o histórico do animal, como em casos de erliquiose e leishmaniose, podendo ser utilizadas sorologias, PCR e exames de imagem. O coagulograma se apresenta dentro dos valores de normalidade na TIM primária, mas alterado em coagulação intravascular disseminada. Os aspectos laboratoriais são essenciais para o diagnóstico seguro da TIM, embora empecilhos sejam recorrentes durante a detecção de anticorpos antiplaquetários. O conjunto de exames clínicos, laboratoriais, bem como a exclusão de causas secundárias é essencial para o prognóstico favorável. Novos meios farmacológicos têm mostrado eficácia, mas a evolução vai depender da resposta individual do organismo e da coexistência de doenças. Contudo, estudos futuros devem focar em métodos diagnósticos mais sensíveis e específicos para que se construa técnicas de prevenção mais precisas.

Palavras-chave: Distúrbio hemostático; Hemograma; Plaquetas.

DIAGNÓSTICO LABORATORIAL DE EFUSÃO QUILOSA EM FELINO – RELATO DE CASO

Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Ana Clara Adelino Daniel[1]; Mayara Almeida da Silva[2]; Matheus Ferreira Lourenço[2]; Márcio Eduardo Melo Benvenutti[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); [2] Residente de Patologia Clínica Veterinária do Hospital Veterinário Universitário, UFCG; [3] Médico Veterinário do Hospital Veterinário Universitário, UFCG.
kennedyceres11@gmail.com

A efusão quilosa é caracterizada por um acúmulo de linfa na cavidade pleural, sendo um derrame pleural específico, geralmente é associada a neoplasias, doenças cardiovasculares, ruptura de vasos linfáticos, entre outras causas. O diagnóstico e tratamento precoces são importantes para prevenir a depleção nutricional e imunológica, como também a morte do animal. O trabalho tem como objetivo relatar um caso de efusão quilosa em um felino cujo diagnóstico foi possível por meio de exames complementares laboratoriais do líquido cavitário. No dia 01/04, deu entrada no Hospital Veterinário Universitário Dr Ivon Macedo Tabosa um felino domesticado, macho de 2 anos, sem raça definida, sem acesso à rua e possuindo apenas vacina antirrábica. Com histórico de apatia, disquesia, vômito quando se alimentava, poliúria, auscultação característica de abafamento pulmonar e no mês anterior havia apresentado um quadro de efusão pleural mas não houve a realização de análise de líquido cavitário. Foi solicitado hemograma, bioquímico, ultrassonografia e radiografia torácica. No hemograma, foi constatado uma anemia (VG: 17%), no bioquímico a albumina estava elevada, o ultrassom e a radiografia sugeriram uma efusão pleural. A efusão foi drenada e analisada, apresentando-se de cor branca, aspecto turvo, coagulação ausente e densidade 1024. Na avaliação citológica foi possível observar neutrófilos íntegros, linfócitos pequenos, macrófagos espumosos, eosinófilos e figuras de leucofagocitose. O resultado foi concluído como efusão quilosa devido a relação de triglicerídeos e colesterol, onde os triglicerídeos se encontravam aumentados no líquido (870,1 mg/dL) em relação ao soro (214 mg/dL) e a relação do colesterol no soro estava maior (56 mg/dL) comparado ao líquido (7,42 mg/dL), além disso a relação colesterol/triglicerídeos foi menor que 1. Foi realizada a inserção de um dreno torácico e 1 mês depois foi realizado uma cirurgia de ligadura ductal, devido ao diagnóstico pré-operatório ser de ruptura do ducto torácico. No retorno clínico, o animal se apresentava sadio e após isso, foi liberado para a continuação do tratamento domiciliar medicamentoso. Os exames laboratoriais diagnósticos foram essenciais para fechar e concluir o caso clínico, tendo o animal recebido alta e o tratamento adequado para a causa do derrame pleural.

Palavras-chave: Colesterol; Líquido; Triglicerídeos.

REVISÃO DE LITERATURA: ASPECTOS LABORATORIAIS DA ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA

Emanuelle Emmely Silva Leite[1]; Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Mayara Almeida da Silva[2]; Matheus Ferreira Lourenço[2]; Márcio Eduardo Melo Benvenutti[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); [2] Residente de Patologia Clínica Veterinária do Hospital Veterinário Universitário, UFCG; [3] Médico Veterinário do Hospital Veterinário Universitário, UFCG.
emanuelle2303@gmail.com

A anemia hemolítica imunomediada (AHIM) é um distúrbio hematológico grave que acomete cães e gatos, caracterizando-se pela destruição precoce das hemácias mediada por anticorpos produzidos pelo próprio sistema imune. A AHIM pode ser classificada como primária (idiopática), quando não se identifica uma causa subjacente, ou secundária, quando associada a infecções, neoplasias, reações a fármacos ou outras doenças sistêmicas. O presente resumo tem como objetivo descrever as principais alterações laboratoriais observadas na AHIM, ressaltando sua relevância no diagnóstico e manejo clínico da enfermidade. Foi realizada uma revisão de literatura baseada em fontes científicas recentes, incluindo livros-texto de hematologia veterinária, artigos especializados e diretrizes clínicas aplicáveis à medicina de pequenos animais. A busca foi realizada nas bases de dados como SciELO e Google Scholar, abrangendo artigos publicados entre 2018 e 2023. O hemograma é uma ferramenta diagnóstica essencial no início da investigação, geralmente revelando um quadro de anemia regenerativa. Dentre os achados típicos, destacam-se a reticulocitose, anisocitose e policromasia. O exame do esfregaço sanguíneo pode evidenciar esferócitos. Outro achado importante é a autoaglutinação, frequentemente visível a olho nu ou ao microscópio, sugerindo forte reação imune. Nestes casos, o teste de Coombs direto é recomendado para confirmar a presença de anticorpos ou complemento ligados às hemácias. Nos exames bioquímicos, observa-se com frequência o aumento da bilirrubina indireta, hemoglobinemia e hemoglobinúria, indicativos de lise intravascular. Em casos mais graves, pode haver sinais clínicos e laboratoriais compatíveis com hiperesplenismo e até mesmo coagulação intravascular disseminada (CIVD), sendo necessário realizar um coagulograma completo. Para a investigação de causas secundárias, são indicados exames complementares como sorologias, PCR e exames de imagem. Estes são especialmente úteis na suspeita de enfermidades como erliquiose, babesiose e leishmaniose. Também é recomendada a avaliação da função hepática e renal, conforme o estado clínico do paciente. A interpretação dos exames laboratoriais, associada ao quadro clínico e histórico do animal, é fundamental para confirmar a AHIM. Embora alguns testes possuam limitações, como a sensibilidade do Coombs e a possibilidade de falso-negativo na autoaglutinação, a abordagem diagnóstica combinada melhora significativamente a precisão e contribui para o sucesso terapêutico e prognóstico.

Palavras-chave: Coombs direto; Esferócitos; Reticulocitose.

REVISÃO DE LITERATURA: ALTERAÇÕES LABORATORIAIS EM QUADROS DE INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA EM CÃES E GATOS

Emanuelle Emmely Silva Leite[1]; Kennedy Ceres Sousa Lima[1]; Mayara Almeida da Silva[2]; Matheus Ferreira Lourenço[2]; Márcio Eduardo Melo Benvenutti[3]

[1] Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); [2] Residente de Patologia Clínica Veterinária do Hospital Veterinário Universitário, UFCG; [3] Médico Veterinário do Hospital Veterinário Universitário, UFCG.
emanulle2303@gmail.com

A insuficiência renal crônica (IRC) é uma das doenças mais frequentes na clínica de pequenos animais, caracterizando-se pela perda progressiva e permanente da função renal. Essa condição provoca alterações laboratoriais importantes, que são fundamentais para o diagnóstico, estadiamento e monitoramento da doença. O presente texto, baseado em revisão da literatura científica atualizada, incluindo artigos, livros-texto de nefrologia veterinária, diretrizes clínicas de universidades de referência e a revista Nucleus Animalium, tem como objetivo apresentar as principais alterações laboratoriais observadas na IRC em cães e gatos, destacando a importância de uma abordagem diagnóstica completa. A busca foi realizada em bases de dados como SciELO e Google Scholar, abrangendo artigos publicados entre 2002 e 2004 e também entre 2017 e 2024. O hemograma costuma revelar anemia normocítica e normocrômica, geralmente não regenerativa, reflexo da diminuição da produção de eritropoietina pelos rins acometidos, constituindo um sinal clínico relevante. O leucograma pode mostrar discreta leucocitose, principalmente em casos com infecções ou processos inflamatórios associados. Nos exames bioquímicos, os aumentos da ureia e creatinina são achados comuns, indicando redução da taxa de filtração glomerular. Além disso, hipercalemia e hiperfosfatemia são alterações típicas, principalmente nos estágios avançados, assim como distúrbios na relação cálcio-fósforo, que favorecem calcificações teciduais. A urinálise é essencial para avaliação renal, com a isostenúria sendo característica, apresentando densidade urinária entre 1.008 e 1.012. A proteinúria destaca-se como marcador de lesão glomerular e deve ser quantificada pela relação proteína/creatinina urinária (UPC). Em quadros mais severos, podem ocorrer cilindros urinários, discreta hematúria e alterações no sedimento. A dosagem de SDMA (dimetilarginina simétrica) tem sido valorizada como técnica precoce e sensível para identificar disfunção renal antes da elevação da ureia e creatinina, sendo recomendada como exame complementar. O acompanhamento do perfil eletrolítico é fundamental, visto que desequilíbrios hidroeletrolíticos são comuns e influenciam diretamente o prognóstico. A interpretação integrada dos dados laboratoriais e do quadro clínico é essencial para um diagnóstico preciso e definição de condutas terapêuticas adequadas. A detecção precoce dessas alterações permite a implementação de estratégias que visam melhorar a qualidade de vida dos cães e gatos afetados pela insuficiência renal crônica.

Palavras-chave: Anemia; Hiperfosfatemia; Proteinúria.

ANAIS DO I SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR DE PEQUENOS ANIMAIS (I SIMPA)

Almir Pereira de Souza
Sara Alves Santana
Taynara Graziela Matias dos Santos
Sabryna Abrantes da Silveira
Organizadores

Informações sobre a Editora
Wissen Editora
Homepage: www.editorawissen.com.br
Teresina – Piauí, Brasil
E-mails: wisseneditora@gmail.com

Siga nossas redes sociais:
@wisseneditora

Realização e apoio

2025